

BILINGUISMO E MUDANÇA
DE CODIGO: UMA PROPOSTA
DE ANALISE COM OS NIPO-
BRASILEIROS RESIDENTES
EM BRASILIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLASSICAS E VERNACULA:

BILINGÜISMO E MUDANÇA DE CÓDIGO:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE COM OS
NIPO-BRASILEIROS RESIDENTES EM
BRASÍLIA

Dissertação apresentada ao Departamento
de Lingüística, Línguas Clássicas e
Vernácula da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Lingüística

por: TAKAKO NAWA

Orientadora: Profa.Dra.Stella Maris Bortoni

Brasília, 1988

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

a Profa. Stella Maris Bortoni pela dedicação amiga e orientação segura deste trabalho;

ao Prof. Augustinus Staub pela orientação bibliográfica;

aos Profs. do Departamento de Antropologia, Luis Tarley de Aragão e Roque de Barros Laraia pelas valiosas observações;

a todos os professores e colegas do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula que, em diversas ocasiões, manifestaram seu apoio e incentivo ao trabalho;

ao Cnpq (Projeto COMFCO 401164/87.0/LA0, a FUB (dotação no.54081 - Projeto Bilingüismo e Mudança de Código: comportamento verbal dos nipo-brasileiros residentes em Brasília) e a CAPES pelo apoio financeiro;

a todos os informantes, em especial, aos residentes em Vargem Bonita, pelo carinho e colaboração;

a Sayuri, pela gravação e a Deborah, minha filha, pela transcrição de dados;

ao "trio" de colegas e amigas, Cristina, Luiza e Josepha pela compreensão e apoio nas horas difíceis;

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística

Aprovada por:

Presidente da Banca

Profa.Dra. Stella Maris Bortoni

Membro da Banca

Prof.Dr.Augustinus Staub

Membro da Banca

Prof.Dr.Luis Tarley de Aragão

Dedico o meu trabalho a meus pais que me transmitiram amor e dedicação aos "dois mundos"; a Oscar, a Deborah, ao Eiji e a Karen, pela paciência e compreensão nesta jornada.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate the bilingual conversation of Japanese-Brazilians, living in Brasília, from a sociolinguistic point of view, stressing the discourse strategy aspect of the interaction. One of the goals of this research is to explain, in a broad sense, the relationship between Japanese and Portuguese in its historical and social context. At a more restricted level, we have analysed the use and the process of the phenomenon of code switching in many communicative situations. The result of this study showed that the language choice depends on, crucially, the relationship between the interactants and the background knowledge shared by them.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar a conversa bilingüe dos nipo-brasileiros residentes em Brasília, a partir de um enfoque sociolingüístico, enfatizando-se o aspecto estratégico-discursivo da interação. Como uma das metas desta pesquisa, tentou-se explicar, em um sentido mais amplo, a relação existente entre japonês e português em seu contexto histórico-social; em um nível mais restrito, analisou-se os usos e os processos da mudança de código, mediante uma tipologia de situações comunicativas. O resultado deste trabalho mostrou que a escolha da língua depende, crucialmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns compartilhados por eles..

INDICE

CAPITULO 1 - A IMIGRAÇÃO JAPONESA

1.0. Introdução.....	1
1.1. Alguns aspetos do processo de sua integração sócio-cultural.....	2
1.1.1. Koineização.....	3
1.2. Esboço histórico-lingüístico dos imigrantes japoneses e seus descendentes.....	11
1.2.1. Competência comunicativa.....	13
1.2.2. Identidade: crise e definição.....	21
Notas do Capítulo 1.....	23

CAPITULO 2 - BILINGÜISMO E MUDANÇA DE CÓDIGO DOS NIPO-BRASILEIROS: SINTESE BIBLIOGRAFICA SOBRE O TEMA

2.0. Introdução.....	26
2.1. Bilingüismo.....	27
2.1.1. Definição.....	28
2.1.2. Bilingüismo dos imigrantes.....	35
2.2. Mudança de código.....	43
2.2.1. Mudança de código conversacional.....	48
2.2.2. Abordagem sócio-psicológica da mudança de código.....	52
2.2.3. Mudança de código dos nisseis.....	54
2.2.4. Bilingüismo, mudança de código e sociolingüística.....	57
2.2.4.1. Mudança de código: ênfase nos fatores estruturais (lingüísticos).....	60
2.2.4.2. Mudança de código: enfoque estratégico-discursivo..	65
Notas do Capítulo 2.....	69

CAPITULO 3 - METODOLOGIA E ANALISE

3.0. Introdução.....	73
3.1. As etapas da pesquisa.....	74
3.1.1. Problema e Justificativa.....	74
3.1.2. Os objetivos.....	76
3.1.3. Etapa preliminar: estudo piloto.....	77
3.1.4. Levantamento do perfil dos bilíngües.....	78
3.1.4.1. Coleta de dados empíricos.....	79
3.1.4.2. A comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal...	82
3.1.4.3. Núcleo Rural de Vargem Bonita.....	83
3.2. Metodologia.....	87
3.2.1. A etnografia da comunicação.....	89
3.2.2. A lingüística pragmática.....	90
3.2.3. A etnometodologia.....	91

3.2.4. A sociolinguística interacional.....	92
3.3. Procedimentos metodológicos.....	93
3.4. Análise de dados	
3.4.1. Análise de dados empíricos.....	94
3.4.2.1. A importância da língua para a preservação da cultura.....	120
3.4.2.2. Moralidade.....	124
3.4.2.3. Amizade.....	128
3.4.2.4. Mudança de código.....	130
CAPITULO 4 - CONCLUSÃO.....	134
REFERENCIA BIBLIOGRAFICA.....	137
ANEXOS.....	144
Questionário número 1	
Questionário número 2	
Hiragana and Katakana	
The history and structure of kanji	

INTRODUÇÃO

A pesquisa, da qual resultou este trabalho, foi realizada, em Brasília, principalmente, com os nipo-brasileiros residentes no Núcleo Rural de Vargem Bonita.

O trabalho baseia-se nos dados empíricos coletados em encontros informais, analisados de acordo com os procedimentos da moderna sociolinguística.

Este estudo enfoca a língua enquanto interação étnica interpessoal. Neste sentido, fica restrito ao aspecto micro-individual da interação, com ênfase na mudança de código como um recurso estratégico-discursivo, sem ignorar, contudo o aspecto macro-social das relações étnicas.

Para simplificar a compreensão do referido estudo, o trabalho foi dividido em duas grandes partes. A primeira parte engloba os capítulos 1 e 2 e a segunda, os capítulos 3 e 4.

O capítulo 1, contém um panorama do processo histórico-linguístico dos bilingües nipo-brasileiros. No capítulo 2 é feita uma revisão bibliográfica sobre bilingüismo e o fenômeno da mudança de código.

Os dados empíricos são analisados no capítulo 3. A conclusão do trabalho está no capítulo 4.

CAPÍTULO I

1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA

1.0 INTRODUÇÃO

A imigração japonesa no Brasil está comemorando oito décadas de história neste ano de 1988 e a integração de seus membros à sociedade brasileira já faz parte da nossa realidade. Estima-se que quase 1% da população brasileira seja constituída de japoneses e seus descendentes, sendo que a metade da população de origem japonesa - cerca de 828 mil pessoas (70,8%) - está concentrada no estado de São Paulo. Segundo a pesquisa feita pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros como parte das atividades comemorativas dos 80 anos de imigração japonesa no Brasil, 1.042.000 (89,2%) vivem nas cidades e apenas 127.000 (10,8%) vivem nas zonas rurais. Se comparada com os Estados Unidos e Canadá, cuja imigração tem 120 (1868) e 110 (1878) anos de existência, a história dos japoneses no Brasil é, relativamente, recente. Para que possamos entender melhor os motivos desta

pesquisa, faremos uma pequena regressão no tempo e no espaço

1.1 ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO DE SUA INTEGRAÇÃO SOCIO-CULTURAL

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil no início do século (1908) para suprir a mão-de-obra cafeeira no estado de São Paulo. Muitos deles que aqui vieram, tinham a esperança de encontrar o Eldorado e logo em seguida retornar ao seu país de origem. Portanto, não havia, no início, nenhuma preocupação em aprender a língua portuguesa. Este fato é corroborado pela própria atitude dos isseis (1) que mostravam pouco interesse na aprendizagem da língua local. Num inquérito realizado em 1939, constatou-se que 85% dos imigrantes esperavam retornar ao Japão e apenas 10% estavam decididos a fixar-se no Brasil. Contudo, numa amostragem feita, posteriormente, em 1952, o quadro apresentou-se totalmente oposto, ou seja, 87% pretendiam permanecer aqui, em definitivo e apenas 11% tencionavam regressar ao Japão (2). Em algumas colônias agrícolas, eram ministrados em paralelo, os cursos de nível primário em japonês, além do oficial em português. Miyao (1978:89) no seu artigo "Posicionamento social da população de origem japonesa" enfatiza dizendo:

Em geral, a educação na escola de núcleo colonial era ministrada em língua japonesa, pois o imigrante pretendia voltar a sua terra de origem um dia, quando acumulasse recursos suficientes, e o japonês era a língua que seus filhos viriam a necessitar nessa eventualidade. Contudo, isto não queria dizer que o ensino da língua portuguesa fosse posto de lado

Este "isolamento" fez com que as comunidades de imigrantes japoneses sofressem menos pressão linguística. No entanto, a deficiência das condições de ensino trouxe sérios prejuízos aos seus filhos que, muitas vezes, tinham um nível de instrução mais baixo do que os seus próprios pais. Mais tarde, conscientes de que a realidade não se coadunava com as suas expectativas e o sonho de retorno estava cada vez mais distante, convenceram-se da necessidade de alterar seus planos iniciais, intensificando-se, assim, a tendência de migração rural-urbana dos imigrantes japoneses em busca de lugares onde pudessem dar melhores condições de ensino e educação a seus filhos.

1.1.1 Koineização

A língua falada por comunidades formadas por japoneses de diversas procedências - vindos de diversas regiões do Japão, falantes de dialetos distintos - era diferente da língua padrão do japonês, resultante de contatos dialetais e do contato com o português. (cf. Doi, 1983:3).

Siegel (1985) usa o termo "koineization" para denominar este processo de mistura de subsistemas linguísticos. Webster's Third New International Dictionary define koine (3) como "*a dialect or language of a region, country or people that has become the common or standard language of a larger area and of other peoples*". A definição de Hill (1958 apud Siegel) é "*any tongue, distinct from his own vernacular, that a person shares with the speakers of some other vernaculars*". Pei (1966 apud Siegel) observa que koine é um "ajuste" de diversos dialetos com uso restrito dentro de uma grande área linguística e que é uma língua planejada i.e., "*a deliberately sought sublimation of the constituent dialects rather than an unconscious and accidental merger*". Outros estudiosos têm usado o termo koine para descrever a língua resultante de diversos dialetos que foram transportados para novos ambientes.

Ferguson (1977:2) já havia discutido este processo de koineização como sendo uma confluência de vários dialetos de onde sairia uma variedade padrão. Por outro lado, Silva Neto

(1976:108) explica,

*Quando entram em convivência dois indivíduos que, embora do mesmo domínio linguístico pertencem a regiões diferentes, dá-se como que um acordo tácito que elimina as características mais salientes da pronúncia de um e de outro. Assim se reduzem as aspe-
rezas e se obtém um instrumento dúctil e maleável, harmonioso e capaz de servir plenamente aos interesses da intercomunicação. Assim, eliminam-se os localismos em favor do geral. As particularidades mais típicas, sentidas como rusticismos, são limadas e reduzidas, só se não generaliza o específico.*

A koineização ocorre como resultado de contato entre subsistemas linguísticos, mormente, dialetos regionais. Pode-se dizer que é um processo de homogeneização dos dialetos.

Siegel (1985:357-378) comenta ainda que se pode estudar a koineização sob a ótica da teoria da acomodação dos psicólogos sociais (2.1.2). De acordo com esta teoria, as pessoas modificam suas falas em relação aos outros, assemelhando-as ou acentuando as diferenças. Giles, Bourhis & Taylor (1977) sustentam

a idéia de que *koineization is a result of unification between previously distinct groups*. De acordo com Giles a língua divergente pode ser usada pelos grupos étnicos como uma tática simbólica para manter sua identidade e distinção cultural. Por outro lado, a língua convergente pode expressar a necessidade de integração social do falante.

Hymes (1971), contudo, coloca a koineização no domínio da pidgnização e da criolização, i.e., como um tipo de processo encontrado em pidgins, ou seja, misturas e simplificações como consequência do contato de línguas.

De Camp (1971 in Hymes 1971) explica que tanto a pidnização como a criolização são dois aspectos de um mesmo processo lingüístico. O pidgin difere do crioulo porque é, na maioria das vezes, efêmero e desaparece tão rapidamente como surgiu. A língua crioula, por outro lado, seria a continuação desse processo evolutivo que resultaria, algum dia, numa língua mais estável a ser falada pelos nativos da região.

Apesar da semelhança existente entre koineização e pidgnização ou criolização no processo evolutivo inicial, já que surgem do contato entre falantes de variedades linguísticas distintas, notam-se alguns aspectos fundamentalmente diferentes, como: (i) as variedades em contato que levam à koineização, são, tipologicamente, mais semelhantes; (ii) koineização é um

processo gradual, lento que requer uma integração e uma interação maior dos falantes, ao contrário da pidginização que é rápida e não-integrativo (Siegel, 1985).

O importante é distinguir dois tipos de koine, dependendo do local onde é falado. Um é o koine regional, isto é, aquele que resulta, geralmente, do contato entre dialetos regionais de uma única língua. O outro é o koine dos imigrantes, que resulta, também, do contato entre dialetos regionais, mas que tem lugar, não na região de origem dos dialetos, mas em outros locais como consequência de uma migração. Siegel (op.cit.p.376) afirma que *"an immigrant koine develops in an amalgamated immigrant community and often is the primary language of the first generation born in this community"*. E o que Reinecke (1969) chama de "dialeto colonial", como o japonês hawaiano, pode também ser considerado koine dos imigrantes.

Segundo Mase (1986) a "língua da colônia" -"coronia go"- falada, predominantemente, pelos nipo-brasileiros e compreensível apenas pelos membros da colônia japonesa é *sui generis* e difere de quaisquer dialetos falados no Japão. Esta tendência mostra um processo em evolução que caminha para o surgimento de uma nova variedade que vem sendo denominada "língua nipo-brasileira" (NB). A princípio, Mase achou que as interferências em níveis diversos do português (P) no japonês (J) não eram sistemáticas e tinham um cunho idiossincrático. Entretanto, estas

interferências foram observadas várias vezes em falantes diferentes, o que deu a entender que tinham, de fato, um caráter mais abrangente. Num estudo feito com crianças de imigrantes italianos residentes na República Federal Alemã. Auer & Aldo di Luzio (1983:5) constataram que a variedade dialetal falada pela maioria das crianças não era o dialeto original dos pais, mas uma variedade estruturalmente distinta. Este é um tópico que merece ser analisado com maiores cuidados. Fica aqui, portanto, a sugestão para aqueles que quiserem explorá-lo.

A interferência é o uso de elementos de um código dentro do contexto de um outro código nos níveis fonológico, sintático, lexical, semântico e pragmático. Muitas vezes, a interferência lexical ocorre devido a falta de termos exatos para expressar um determinado conceito em um dos códigos linguísticos (2.1.4). Há até um fato pitoresco relacionado a isto: a perda da "sensibilidade linguística" por não poder expressar certas sutilezas da natureza era atribuída ao "empobrecimento espiritual" causado pela natureza grandiosa e paisagem imutável do Brasil. Handa (in Saito, 1952:491) explica que

...as expressões que representam a gradação de matizes diferentes são como que ramificações originárias de determinadas idéias e a perda dessa sutileza debilita e torna falha a associação de idéias, fazendo com que

as palavras parem na vacuidade

Sapir ([1911] 1969:47) complementa esta idéia quando observa que

Tudo depende naturalmente do ponto de vista em que se coloca o interesse. Com isso no espírito, logo se compreende que a presença ou ausência de termos genéricos depende em grande parte do caráter positivo ou negativo do interesse que despertam os elementos ambientais correspondentes. Quanto mais necessário for para uma cultura fazer distinções dentro de uma dada série de fenômenos, tanto menos provável será a existência de um termo genérico para a série toda.

Portanto, nenhuma palavra em uma das línguas corresponde exatamente a uma outra palavra de uma outra língua (cf. Lyons, 1981:273-283). Este é o aspecto crucial do bilinguismo, pois, ignora-se, com frequência, a relação existente entre a língua e a cultura, i.e., paralela à relação língua e língua, há também uma relação cultura e cultura.

Observe nos seguintes exemplos, os "erros" (ou interferências semânticas) mais frequentes observadas pelo pesquisador.

(1) Basu wo tsukamu (NB)

(1a) Basu wo hirou (J)

(1b) Pegar o ônibus

A tradução de (1) e (1a) é (1b). Entretanto, o ideograma "tsukamu" de (1) significa "pegar algo com a mão" ao passo que o de "hirou" (1a), significa "pegar um veículo e entrar". Como os ideogramas carregam o seu significado primeiro, o uso incorreto de um vocábulo ocasiona uma falha na comunicação entre falantes japoneses e nipo-brasileiros. Doi (1983) comenta que *"em Japonês, a escrita parece ocupar um lugar de destaque na língua, na medida em que ela assume um papel determinante no ritmo do japonês e na consciência dos falantes"*. Vejam outros exemplos.

(2) tenis wo nagueru (NB)

jogar (fora) o tênis (calçado)

(2a) tenis wo suru (J)

jogar tênis (uma partida)

(3) kuruma de aruku (NB)

andar (com as pernas) de carro

(3a) kuruma de iku (J)

andar (ir) de carro

Os exemplos (2) e (3) ocorrem, exatamente, por não levar em consideração o significado rigoroso dos ideogramas (kanji). Existem inúmeras palavras homófonas no japonês que só se distinguem pelos significados através da escrita (4).

Embora a koineização seja de grande interesse, não é nosso objetivo aprofundar o assunto, principalmente, por requerer cuidadosas considerações. Limitaremos este capítulo, tão somente, em traçar um perfil lingüístico dos bilíngues nipo-brasileiros no decorrer da sua história que, de geração em geração, modifica-se de acordo com os padrões culturais herdados de seus pais.

1.2 ESBOÇO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICO DOS IMIGRANTES JAPONESES E SEUS DESCENDENTES

O comportamento em situação de contato dos imigrantes japoneses com o Brasil tem sido objeto de alguns estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos e lingüísticos, tais como Willems (1948), Handa (1952) (1970), Schurig Vieira (1973), Valente (1978), Doi (1983) e outros. Entretanto, são poucas as pesquisas sobre o comportamento verbal dos japoneses em situação de contato com a comunidade brasileira. As pesquisas nesta

área concentram-se principalmente na fonologia e na gramática de sentenças isoladas. Infelizmente, os estudos no campo da sociolinguística são ainda muito escassos. Mesmo a nível mundial, os artigos e monografias referentes ao bilinguismo dos imigrantes só começaram a aparecer depois de 1956 (cf. Haugen, 1973:510).

Vivendo há exatamente oitenta anos aqui no Brasil, os nipo-brasileiros não deixaram de ser, aparentemente, "japoneses" para a maioria dos brasileiros, devido aos traços físicos característicos dessa raça. Nogueira Rocha (1983:152) observa que:

na verdade, o aspecto social apenas facilita a discriminação, mas é acidental no processo, já que o problema real é o da diferença cultural ou aculturação

Estes fatores, sem dúvida, contribuíram para que a identificação de grupo de japoneses fosse fundamentada na etnicidade. No entanto, o comportamento verbal deste grupo étnico é nitidamente distinto e o seu repertório linguístico varia conforme a geração.

As gerações de imigrantes japoneses classificam-se da seguinte forma: (i) *issei* (primeira geração, a que foi para o ex-

terior); (ii) nissei (segunda geração, a primeira nascida fora do Japão); (iii) sansei (terceira geração, netos de imigrantes japoneses), etc.

Estas denominações são também reconhecidas pelos membros da própria comunidade japonesa (no Brasil e no exterior) e funcionam como um dos fatores de identidade étnica. Um fato curioso é que cada geração comporta-se seguindo um determinado padrão linguístico. Entre os isseis, há, evidentemente, uma predominância da língua japonesa e muita interferência do japonês no português; entre os sanseis, a tendência se inverte, isto é, há a interferência do português no japonês por ser a língua portuguesa, a mais usada. A mais conflitante, sem dúvida, é a dos nisseis devido aos dois mundos superpostos que sempre nortearam as suas vidas, pois, são, ao mesmo tempo, bilíngues, bi-competentes e bi-culturais. E nesta geração intermediária que ocorre, com maior frequência, o fenômeno da mudança de código, objeto principal desta pesquisa.

1.2.1. Competência comunicativa

A competência comunicativa (Hymes, 1971) distingue-se da competência linguística (Chomsky, 1965) porque engloba, além do simples conhecimento da estrutura linguística, fatores só-

cio-culturais que desempenham um papel fundamental numa atividade interacional onde as interpretações e inferências dos participantes determinam o êxito de uma comunicação. Bortoni-Ricardo (1985:225) observa que

Some of these rules are stored in their linguistic competence, e.g. their shared knowledge of segmental and supra-segmental phonology, of grammar and semantics. Another set of these rules refers to their shared knowledge of the world, which is crucial for an effective use of language in context

Fishman (1969) completa esta idéia quando afirma que os membros nativos dessas comunidades adquirem, inconsciente e lentamente, a competência comunicativa i.e., o uso apropriado da língua. Portanto, ser bi-competente significa lidar sempre com dois fatores sócio-culturais e ter habilidade para manipulá-los adequadamente. A própria escolha linguística faz parte desta competência.

É interessante observar que é entre os nisseis que se verifica com maior intensidade o fenômeno da mudança de código ("code-switching") que é o uso alternado de dois códigos num mesmo discurso. "Essa maneira de falar, incluindo as palavras

japonesas, não reflete esforço por parte da pessoa que fala, significa apenas que ela se sente mais à vontade, empregando determinados termos de sua língua-mãe" (Handa, in Saito, op.-cit.p.501). Já em 1952, quando foi publicado esse artigo, o autor percebeu este fenômeno e fez a seguinte observação: "...misturam-se assim o português e o japonês para erigirem uma conversação peculiar da comunidade de imigrantes, a qual não chega nem a ser português, nem japonês, sendo por isso lícito supor que o senso relativo à linguagem foi completamente desprezado" (Handa, 1971, op.cit. p.408).

O grande desafio deste trabalho está em estudar este fenômeno, pois, até o momento, não tem sido possível definir, claramente, qual é a função sociolinguística da mudança de código: se é um *déficit* lingüístico ou se é uma estratégia comunicativa para estabelecer uma identificação interna e uma delimitação externa do grupo (cf. Hamel, 1983:18). Algumas facetas deste fenômeno poderão ser esclarecidas facilmente, mas outras como atitudes e estratégias comunicativas só o serão através de uma análise linguística cuidadosa da comunidade de fala, levando-se em consideração os fatores contextuais e partindo-se do pressuposto de que a prática discursiva constitui uma parte importante da realidade social e não um simples meio de comunicação. Neste estudo, tentar-se-á analisar estas interações verbais e não-verbais dentro de seus contextos de enunciação, a fim de extrair significações sócio-simbólicas relevantes.

Um dos fenômenos mais visível na língua dos imigrantes é a sua mudança vocabular como uma consequência imediata e direta das grandes transformações ocorridas no seu meio ambiente. Sapir em "Língua e Ambiente" (1911) já dizia que *"o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes"*. Tratando-se de uma época em que não havia nenhum dicionário japonês-português (a primeira edição surgiu só em 1918), falar a língua portuguesa consistia em enfileirar os vocábulos da língua portuguesa conforme a construção japonesa. Sem dúvida, a língua foi a causadora de inúmeros desentendimentos, muitas vezes, bastante cômicos. A guisa de ilustração, transcreveremos o diálogo abaixo, extraído de Saito (op.-cit.p.112). Analisaremos, a seguir, as interferências aqui ocorridas nos níveis: (a) pragmático, (b) sintático e (c) fonológico. O falante A é japonês e B, brasileiro.

1. A - Yô garinha cômputa, ocê tem? Nom tem?

2. B - Não

3. A - Yô cômputa

4. B - Não, não tenho

1. A - Eu galinha compra, você tem? Não tem?

2. B - Não

3. A - Eu compra

4. B - Não, não tenho.

(a). Este é o clássico exemplo, onde o "shim" (sim) é "não" e "nom" (não) é "sim". A norma pragmática do japonês é corroborar primeiro a força ilocutória, i.e., reconhecer como verdadeira o ato de fala e, logo em seguida, já no nível referencial, negar. Existe uma relação pragmática que é "eu aceito como verdadeira sua negativa, por isso dou um sinal positivo para dizer que a sua negativa é verdadeira". Neste diálogo, a resposta negativa de -2.B- corresponde, semanticamente, a uma afirmativa, i.e., no japonês, o falante precisa responder a questão, simplesmente, concordando ou não com ela. Para a pergunta "não tem?" a resposta "não" significa que "ele tem a galinha". Diz Saito que muita confusão nasceu desses primeiros diálogos em que "sim" era "não" e vice-versa (5).

(b). A sentença -1.A- está construída de acordo com a sintaxe do japonês que é:

Suj.	Obj.d.	Obj.ind.	Verbo
Yó	garinha	-	cômpura

A ordem das palavras numa sentença não é tão rígida se as partículas (posposições) estiverem presentes. Somente o verbo tem de vir no final da sentença. As partículas, no japonês, têm a

função de estabelecer relações sintáticas com outros elementos da sentença. Fillmore (1968 in Lobato, 1977) afirma que a *discussão sobre o caso poderia ser vista de uma perspectiva um pouco melhor se a atribuição de formas de caso fosse considerada exatamente análoga às regras para a atribuição de preposições em Inglês, ou para as posições em Japonês*". Observem os seguinte exemplos:

(1) Otoo-sanwa ikimashita.

Papai foi.

Otoo-santo ikimashita.

Com papai fui/foi/fomos/foram

Otoo-sanmo ikimashita.

Papai também foi.

(2) Mariawa Paulowo mita.

Maria (suj.) Paulo viu.

Mariawo Paulowa mita.

Maria Paulo (suj) viu.

c. Foram analisadas, as seguintes interferências fonológicas:

- "Yô" - há duas possíveis interferências:

1. Da palavra "Yo" do japonês significando "eu" autoritário.

2. Mudança fonológica de [eu] para [jo(:)].

- "garinha"

Segundo Doi (op.cit.p.44) *"este emprego generalizado da vibrante alveolar [j] para as laterais, deve-se ao fato de o tap ser o único segmento do sistema do japonês que possui a característica da líquida"*.

- "cômpura"

Nos encontros consonantais (CCV), ocorre uma inserção da vogal (suarabácti (5)) para adequar à estrutura (CV) das moras que são as unidades rítmicas do japonês. (cf.Doi,1983). McCawley (1978) define a mora como *something of which a long syllable consists of two and a short syllable of one*". Neste caso, dividido em moras, ficaria assim: "cô-m-pu-ra".

- "océ"

Resultado do contato com os falantes nativos do local de assentamento, sofrendo uma forte influência do dialeto caipira, com realizações características desse falar.

As sucessivas adaptações linguísticas refletem bem a luta que tiveram que travar pela sobrevivência num ambiente estra-

nho. Lentamente, em constante conflito, cada japonês foi tentando aprender a ser brasileiro, atitude por atitude e palavra por palavra.

Each language has been forced to adapt itself to new conditions, and thereby gives us a vivid picture of the immigration struggle for a position within the new nation and his gradual accommodation to its demands" (Haugen, 1972:2).

Por estas razões, o português falado pelos descendentes de japoneses apresenta, às vezes de um modo inconsciente, estas marcas de conflito que, analisadas, poderão auxiliar na compreensão dos processos de adaptação não só linguística como também psicológica e cultural. Thomas (1983) observa que as estratégias comunicativas inadequadas empregadas pelos falantes não-nativos, ao contrário de simples erros linguísticos, refletiam negativamente sobre eles, como pessoas.

Se, por um lado, a aprendizagem da língua portuguesa era tida como instrumento de sobrevivência, havia, por outro lado, a resistência em nome da preservação das suas tradições culturais porque acreditava-se que o "espírito japonês" era incutido através da língua japonesa. Com o decorrer dos anos, porém, a interferência do português nos padrões de fala da língua dos i-

migrantes começava a ocorrer com maior frequência, devido ao ambiente sociolinguístico que não reforçava o repertório original, proporcionando assim, uma exposição maior ao novo repertório. Gumperz (1964) define o repertório verbal de uma comunidade de fala como a totalidade das formas linguísticas empregadas no curso das interações socialmente significativas. Os membros adultos da primeira geração queriam que os seus filhos adquirissem fluência e conhecimento, tanto do português como do japonês, mesmo que esta última servisse apenas como um elo de ligação a sua terra de origem. Diz Saito

A presença da geração intermediária, a de transição, constituída por aqueles que vieram na infância e dos que nasceram nos primeiros anos, assegurou a normalidade no processo de aculturação, evitando-se assim a ocorrência de choques entre as gerações e eventuais casos de conflitos culturais.

Fishman (1985:421) vai mais longe quando diz que a aprendizagem da segunda língua seria uma espécie de rito de passagem (5), i.e., um símbolo de sociabilização.

1.2.2. Identidade: crise e definição

A política de nacionalização adotada por Getúlio Vargas fez com que a comunidade japonesa ficasse sem os únicos canais de comunicação com as suas origens (imprensa escrita e falada), visto que a grande maioria não havia adquirido, ainda, competência linguística em português. As escolas de língua japonesa foram fechadas, privando as crianças da aprendizagem desse idioma. "E nesse estado de descomunicação que os japoneses assistem ao desenrolar da guerra e aos acontecimentos que seguiram ao seu término" observa Saito (2). Este episódio foi determinante para detonar a crise de identidade deste grupo étnico, pois, se, até o início da segunda guerra, os imigrantes se identificavam como autênticos japoneses convencidos que estavam de um dia retornarem a sua terra natal (6). Diante do trágico desfecho do último conflito mundial, depararam-se com um dilema crucial: definir a sua identidade. Era preciso rever a sua postura e decidir pelo seu rumo, uma vez que seus filhos estavam se tornando, cada vez mais, brasileiros. Mais do que nunca, sentiram a necessidade de proporcionar a seus filhos uma educação adequada como brasileiros. Essa mudança de atitude ocasionou algumas mudanças no léxico, resultado de uma reflexão psicológica. O próprio Saito observa que " quando empreendem viagem ao Japão, não mais falam em "regressar" mas sim em "visitar"". A língua como parte constitutiva da realidade social (Gumperz, 1982) reflete bem a nível macro, o momento histórico-ideológico da imigração japonesa e a nível micro, a história de vida de cada imigrante.

NOTAS DO CAPITULO I

(1) As palavras japonesas "issei", "nissei", "sansei", etc são formadas pela justaposição de dois ideogramas, a saber:

- "issei" - "i" <一>, primeira + "sei" <世>, geração
- "nissei" - "ni" <二>, segunda + "sei" <世>, geração
- "sansei" - "san" <三>, terceira + "sei" <世>, geração, etc.

Estas palavras já fazem parte do léxico do português (cf. Buarque de Hollanda Ferreira).

(2) Estes dados foram obtidos de Saito na palestra proferida no Simpósio Sobre os 70 Anos da Imigração Brasileira realizado pela Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados em 1978)

(3) O termo koine vem do grego "koine" (comum). Originalmente, referia-se a uma variedade particular da língua grega, mas, atualmente, tem sido aplicado a outras variedades linguísticas.

(4) A língua japonesa tem 5 tipos de caracteres: (ver Anexo)

(1) Kanji (caracteres de origem chinesa)

(2) Hiragana (caracteres simplificados)

(3) Katakana (caracteres usados para interferências e empréstimos lingüísticos)

A função essencial do "kanji" ("ideogram") é representar significados, enquanto "hiragana" ou "katakana" representam apenas os sons ("phonogram"). Como "kanji" é ideográfico, ele simboliza apenas um significado.

(5) "Sim" (Hai) e "Não" (Iie) em japonês correspondem parcialmente ao "Sim" e "Não" do português. Nas respostas afirmativas, não há nenhuma diferença quanto ao seu uso. Por ex.:

Sore wa hon desuka.

(Isso é um livro?)

Hai, so desu.

(Sim, é)

Sore mo hon desuka.

(Isso também é um livro?)

Iie, so dewa arimasen.

(Não, não é.)

Entretanto, quando a pergunta é negativa, há uma diferença na norma pragmática do japonês. Por ex.:

Sore mo hon dewa arimasenka.

(Isso também não é um livro?)

Hai, so dewa arimasen.

(Sim, não é.)

Iie, so desu.

(Não, é.)

Segundo o livro "How to use good Japanese" , "in English the choice depends on whether a negative word is contained in the answer or not. But in Japanese the speaker is thinking of the question and if he agrees with the questioner he says HAI regardless of whether there is a negative word in his answer or not. If he doesn't agree with the questioner he will use IIE .

(6) Chama-se suarabácti o desenvolvimento de uma vogal no interior de um grupo de consoantes; assim, advogado é pronunciado [adivogadu] (cf. Dicionário de Linguística, Editora Cultrix, SP)

(7) Van Gennep, A., ([1908] 1960, Vizedom, M.B. & Caffee, G.L.). The Rites of Passage. London: Routledge & Kegan Paul

(8) Os imigrantes japoneses no Brasil começaram a chamar os nativos de "gaijin" ("gai"/fora; "jin"/pessoa) quando os forasteiros eram eles próprios.

CAPITULO 2

2. BILINGÜISMO E MUDANÇA DE CÓDIGO DOS NIPO-BRASILEIROS: SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA SOBRE O TEMA

2.0 INTRODUÇÃO

No trabalho clássico *Languages in Contact*, Weinreich diz que "*duas ou mais línguas estão em contato se elas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas*" (Weinreich, 1953:1) (1). Apesar de ter tido um grande impacto na época como um dos marcos iniciais de uma corrente de pesquisa de natureza sociolinguística, Weinreich limitou-se a estudar os sistemas linguísticos em situação de contato apenas nos níveis lexical, fonológico e morfo-sintático (tipos de interferências que ocorrem entre dois sistemas linguísticos). A sua análise foi essencialmente descritiva e linguística. Contemporaneamente, há o entendimento de que o fato da existência de duas línguas ocupando o mesmo espaço deveria ser analisada sob diversos aspectos, levando-se em consideração, principalmente, a produção discursiva em todos

os seus âmbitos (Hamel, 1983:93). Afora estas observações, o grande mérito desse estudo foi, sem dúvida, proporcionar novas teorias à análise do bilingüismo.

Existem inúmeras formas de contato de línguas e inúmeras abordagens sobre o fenômeno. Com a finalidade de direcionar melhor os seus estudos, muitos teóricos preferem trabalhar dentro de um arcabouço restrito como o da tipologia do bilingüismo, com o objetivo de delimitar claramente uma determinada área de pesquisa. Com isto, evita-se o perigo das generalizações, além do que permite que o pesquisador trabalhe dentro de um quadro de referências adaptado às suas necessidades específicas. Mesmo assim, devido à complexidade de fatores que envolvem um processo interacional, não é tarefa fácil, para os linguistas, lidar com estes conceitos.

No presente trabalho, o bilingüismo será analisado como uma característica de uso linguístico, considerando-se além da competência linguística (Chomsky, 1965) e da competência comunicativa (Hymes, 1967) dos falantes, o seu aspecto estratégico-discursivo (cf. Gumperz, 1976) da escolha linguística.

2.1. BILINGÜISMO

2.1.1. Definição

Quase sempre, quando se quer definir um determinado conceito, esbarra-se com o problema terminológico. Isto também acontece com o bilinguismo devido à vasta literatura multidisciplinar existente a respeito deste fenômeno. Restringindo-se a pesquisa ao âmbito da linguística, o problema, mesmo assim, não se simplifica. Ao contrário, a dificuldade torna-se maior por causa da complexidade de fatores psico-sócio-culturais que envolvem um estudo da língua. Por ser impossível isolar um bilíngue da sua sociedade, as abordagens na área da sociolinguística abrangem desde o nível individual da competência comunicativa até o nível social da interação entre comunidades. É difícil, portanto, iniciar quaisquer discussões a respeito, sem encontrar algum tipo de resistência.

A visão popular de um bilíngue como aquele que se comunica efetivamente em mais do que uma língua ou aquele que é capaz de expressar-se, inteligivelmente, nas duas línguas e alterná-las livremente de acordo com a situação, é uma definição tão estreita que segundo Haugen (1973) está fadada a uma esterilidade virtual. O bilíngue ideal, como ser proficiente em duas línguas em todas as esferas de sua atividade, sem nenhum traço de interferência, em quaisquer situações comunicativas, será aque-

le que internalizou as regras gramaticais e culturais de duas comunidades distintas de fala. Em termos de competência, pode-se dizer que tem uma dupla competência, i.e., além da linguística em cada código, possui competência comunicativa que se apóia em dois sistemas distintos de normas culturais. Ora, de acordo com esta definição, pouquíssimas pessoas poderiam ser consideradas bilíngues dada a dificuldade de alguém expressar-se em duas línguas de uma maneira igualmente eficiente, uma vez que estas estão ligadas a realidades e experiências de vida diferentes. Já dizia Sapir ([1929] 1969:7) que

o pensamento discursivo se desdobra em três dimensões inter-relacionadas, que constituem respectivamente um nível lógico, um nível psicológico e um nível linguístico.

Vários estudos sociolinguísticos sobre bilinguismo têm-nos mostrado que o falante bilíngue não necessita possuir uma proficiência simétrica nas quatro habilidades básicas, i.e., falar, entender, ler e escrever. Mackey (1979:458) observa que

In our search for measures, however, it might be salutary to remember that, in the final analysis, all measures are arbitrary

Por esta razão, neste trabalho enfatizar-se-ão, sobretudo, a função comunicativa da língua, a interação verbal e o comportamento verbal dos falantes, levando-se em consideração, os aspectos sociais, culturais e contextuais.

Para Mackey (1957:51), (1972:554), bilingüismo é o uso alternado de duas línguas e é uma habilidade individual. Portanto, não é um fenômeno da língua ("langue") e sim do discurso ("parole"). Weinreich (op.cit.p.1) faz uma consideração semelhante a respeito quando diz:

*the practice of alternatively using two
languages will be called here
bilingualism, and the persons involved
Bilingual*

Haugen (1973:508) observa que os fatores como "frequência de alteração", "proficiência de uso" e "diferença entre as línguas" foram deliberadamente deixados de lado por Weinreich, permanecendo o bilingüismo um termo muito genérico.

Se o bilingüismo foi, no início, objeto de estudos de psicólogos que tentavam relacionar o desempenho dos bilingües com o seu QI, com o objetivo de esclarecer as questões seguintes: (i) como se aprende uma segunda língua, (ii) como se mantém a segunda língua distinta da primeira e (iii) como as fun-

ções psicológicas são afetadas pela segunda língua (cf. Bell, 1976:118; Haugen, 1973:539), o interesse primário dos lingüistas era estudar a relação existente entre os dois sistemas lingüísticos. Os conceitos teóricos dependiam do enfoque que cada pesquisador dava ao seu trabalho.

Leopold (1949 apud Haugen, 1973) via o bilingüismo como uma construção de padrões lingüísticos em crianças a fim de que elas pudessem distinguir dois conjuntos de enunciados. Haugen encarava o problema por um outro ângulo, ou seja, via-o como uma luta que os grupos bilingües tinham de travar para ajustar suas duas línguas à nova situação.

Weinreich (1953:11) aplicou os estudos do estruturalismo para observar como as línguas se interrelacionavam e definiu dois tipos de interferência. Referindo-se a Saussure ("langue" e "parole"), comparou a interferência na fala à "*sand carried by stream*" e, na língua, à "*sand deposited on the bottom of a lake*". Explicando melhor: a interferência na fala é momentânea e caracteriza um discurso; quanto à interferência na língua, ela já faz parte da norma e é adquirida como traços pertencentes a essa língua. Mackey (1968) enfatiza bem a distinção existente entre "interferência" e "empréstimo". Se aquela é uma característica do discurso, portanto individual, esta é da língua, sendo coletiva e sistemática. Haugen (1956:39) admite, porém, que é difícil determinar quando a interferência é na língua ou

na fala, pois há situações em que o indivíduo usa simultaneamente os elementos das duas línguas dentro de um mesmo ato de fala. Neste caso, a distinção entre uma interferência e uma MD fica bem mais complexo.

Pike (1960 apud Haugen 1973) num artigo intitulado "Towards a theory of change and bilingualism" sugeriu que o bilinguismo fosse estudado à luz da teoria tagmêmica, isto é, opondo-se as duas análises de comportamentos verbais: ético (distribuição) e émico (função). Ele observou que as duas línguas de um bilíngue eram sistemas contrastivos e, em parte, topologicamente iguais, formados de unidades que poderiam ser identificados pelos falantes. Se estes dois sistemas apresentassem em muitos itens identificáveis pelos falantes, considerar-se-iam, diacronicamente, línguas iguais e, sincronicamente, línguas próximas. Assim sendo, os dois sistemas compartilhados pelos bilíngues constituir-se-iam num hiper-sistema com múltiplos estilos e dialetos no seu núcleo, os falantes bilíngues às suas margens e uma matriz cultural única. Havia, porém, uma questão que o próprio Pike deixou em aberto: *"Até que ponto os bilíngues agem como se estivessem usando um hiper-sistema linguístico na qual as duas línguas faladas fundem, de alguma forma, num sistema mais amplo?"*.

De uma certa maneira, esta dúvida foi respondida por Ferguson (1959), Hymes (1967), Gumperz (1964) e Fishman (1966).

Ferguson , em 1959, através de um artigo publicado na revista *Word*, usou o termo *diglossia* (2) para explicar uma situação lingüística onde a característica principal consistia em definir a funcionalidade das variantes conforme os diversos âmbitos de comunicação (família, igreja, escola, lugares públicos, trabalho, cerimônias especiais, etc.). Observe que há uma relação estreita entre o uso linguístico e o contexto social, i.e., cada variedade tem uma função definida dentro daquele repertório lingüístico local. Isto faz com que uma situação lingüística seja considerada, relativamente, estável porque as regras de uso são adquiridas de uma maneira explícita.

Segundo Ferguson (1971:16)

Diglossia is a relatively stable language situation in which in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for

ordinary conversation

A clara delimitação estabelecida por Ferguson evitava conflitos lingüísticos e criava uma estabilidade de relações no interior do sistema da língua. A diglossia é um excelente exemplo de coexistência de variedades lingüísticas que se diferenciam conforme o papel que desempenha dentro da comunidade de fala devido à rígida estratificação social. Eckert (1980:1056) observa que

[diglossia] is imposed from above in the form of an administrative, ritual or standard language. By virtue of its political and economic status, this language becomes requisite for access to power and mobility within the society. Therefore, diglossia cannot be socially or politically neutral, and is clearly in view of this that Ferguson (1959) refers to the languages in a situation of diglossia as "high" and "low"

Um dos traços mais importantes da diglossia é a especialização das funções, i.e., em uma determinada situação, a língua

X é a mais apropriada e, em outras, somente a Y. Dificilmente, estas duas línguas se sobrepõem uma à outra. Ferguson enfatiza a importância de se usar a variedade certa para uma situação certa. Voltaremos a esta questão mais adiante em 2.2.1.

Gumperz (1964:137) concentrou-se no estudo do bilingüismo estável em sociedades diglössicas (e.g. na Índia e na Noruega) onde duas ou mais variedades se alternavam conforme a situação sociolinguística (e.g., no lar ou em contextos oficiais). A esta totalidade de formas lingüísticas empregadas regularmente ao longo de uma interação socialmente significativa, ele denominou de repertório verbal. Estes estudos serão discutidos em 2.2.

Se a competência lingüística (Chomsky, 1965) limita-se à habilidade do falante em produzir sentenças gramaticalmente corretas, a competência comunicativa de Hymes (1967) abrange desde a habilidade em selecionar códigos gramaticalmente corretos até à escolha de formas apropriadas que reflitam as normas sociais de conduta em determinadas situações. Em qualquer discussão sobre bilingüismo, deve-se partir da premissa de que as interações verbais vão sempre muito além das meras regras gramaticais.

2.1.2. Bilingüismo dos Imigrantes

Paulston (1975 apud Tosi, 1984:3) distingue, *grosso modo*, dois tipos de bilingüismo: da elite e dos grupos étnicos. A distinção é crucial porque enquanto no primeiro, a elite utiliza o sistema educacional para tornar-se bilingue, no segundo, os falantes tornam-se bilingües for força das condições circunstanciais, a título de sobrevivência. Se o primeiro é um privilégio, o segundo, muitas vezes, é um problema.

Fishman (1966) no seu monumental estudo sobre a língua das minorias étnicas, enfatizou a urgência em estudar a língua falada pelos imigrantes nos EUA por esta estar passando por um processo de substituição e desaparecimento. Após este apelo de Fishman, surgiram vários estudos dedicados a este assunto. Uma das áreas escolhidas foi, sem dúvida, o estado de Havaí onde a língua malaio-polinésia misturava-se à língua dos imigrantes que, por sua vez, estava sendo substituída, gradualmente, pela língua inglesa (Haugen, 1973) (3). Com referência à minoria étnica japonesa, destaca-se o estudo feito por Nagara (1969) sobre o inglês "pidgin" falado pelos imigrantes japoneses em Havaí, analisando-se os aspectos fonológico, morfológico e sintático desta fala "distorcida" do inglês, mas altamente funcional.

Houston (1972) qualifica o bilingüismo de primário ou natural quando a aquisição das duas línguas se dá por força das

circunstâncias, sem nenhuma instrução sistemática. Isto ocorre, com frequência, com filhos de imigrantes que ficaram socialmente isolados na comunidade que os recebeu. Logo, não conseguiram aperfeiçoar a sua segunda língua e perderam com facilidade e gradualmente a sua língua de origem sob os efeitos do tempo.

Haugen (1972:308) define bem o que é ser bilíngüe neste contexto: *"um eufemismo para designar as pessoas linguisticamente deficientes"*.

Kato e Bárbara (1983), no seu trabalho intitulado "Línguas Asiáticas" dizem o seguinte:

A grande maioria dos "nissei" é bilíngüe, bilíngüe aqui não entendido como aquele que é plenamente proficiente nas quatro habilidades linguísticas: compreensão, produção oral, leitura e escrita, mas que o é em algum grau em pelo menos uma dessas áreas

Os primeiros nisseis iniciaram a aquisição da segunda língua em contato direto com os falantes nativos de assentamento. Trudgill (1974:58) afirma que os falantes adquirem as características linguísticas daqueles que estão em contato próximo. O padrão adquirido por eles foi o do grupo local predominante e,

segundo Doi (1983), podem-se observar as seguintes características no fenômeno: (i) o português falado pelos japoneses tem uma forte influência do dialeto caipira com realizações características desse dialeto; (ii) o português falado pelos japoneses tem um desempenho fonológico característico da língua japonesa. Assim, a língua que se começou a falar era o "português pidgin", compreensível apenas por aqueles que entendiam ambas as línguas, japonês e português, resultado de uma situação de contato que ocasionou misturas e simplificações.

Num estudo feito em Havai (4), verificou-se que o "japonês pidgin" naquele estado americano não foi além da primeira geração, ou seja, não se constatou a preservação do mesmo na segunda geração. Nesta, houve uma mudança lingüística gradativa: do inglês crioulo havaiano até o inglês padrão, resultado do processo de urbanização e da mobilidade social.

Para a maioria dos indivíduos bilíngües, a língua materna é geralmene a mais usada e a segunda língua tende a ser apenas instrumental. No caso dos nisseis brasileiros, esta situação é inversa; a língua portuguesa passa a ter um papel importante dentro do seu repertório verbal por ser um meio efetivo de manter a comunicação com a sociedade brasileira. Bell (1976:117) afirma que

For most individuals, the first language

learned - the mother tongue is also the most used and, conversely "second languages" tend also to be "secondary" in terms of use - auxiliary languages. But there are cases of individuals in language contact situations - migrants specially - in which the mother tongue loses its position as primary medium of communication, is limited to hearth, home and friendship and is displaced, in other domains, by the dominant language of the host community

Ao contrário de seus pais que não aprenderam português, os nisseis tiveram um contato mais frequente com os falantes locais nativos, sofrendo, em consequência, uma maior pressão linguística. Em casa e até a idade escolar falava-se, predominantemente, a língua dos pais. Ao ingressar numa escola, os seus contatos se ampliavam fora da esfera comunitária e a língua da sociedade hospedeira tornava-se uma língua competitiva em termos de uso. Ambas as línguas desempenham os seus papéis de acordo com as situações comunicativas (cf. Fishman et al., 1968:15). Esse conjunto de circunstâncias parece, à primeira vista, caracterizar um distanciamento cada vez maior em relação a sua língua de origem mas percebe-se, ao mesmo tempo, que há, também, uma grande preocupação em preservar as suas tradições

culturais.

Giles (1979:187) diz que "a preservação da cultura" pode significar "a preservação da língua". É interessante observar que havia uma crença entre os imigrantes japoneses de que a aprendizagem da língua japonesa equivalia à aprendizagem do sistema de valores peculiares à cultura japonesa (Saito, 1973:376). Neste contexto, é imprescindível que se considerem as causas da própria imigração. Quaisquer que tenham sido os motivos desta decisão, é bem verdade que os imigrantes tinham esperanças de encontrar, no novo país, algo que compensasse os custos materiais e psicológicos desta mudança. A escolha lingüística era crucial: se, por um lado, era grande a vontade de participar deste novo meio ambiente, por outro, a língua materna simbolizava tradição e etnicidade.

Num estudo feito com os imigrantes nos EUA, Fishman (1966) observou que a retenção do bilinguismo funcional não ia além da primeira geração nascida no país hospedeiro. Ascender socialmente e progredir dentro do cenário americano implicava em dominar a língua inglesa. Em consequência, os filhos de imigrantes, eles próprios bilíngües, uma vez fora da esfera familiar, foram perdendo, gradualmente, o seu bilingüismo até a completa substituição pela língua valorizada, o inglês.

Há um estudo feito em Tóquio por Longhi (1982) cujo obje-

tivo foi verificar se há ou não uma preservação da língua e da identidade étnica dos nipo-brasileiros. Partindo-se da hipótese de que a identidade étnica dos nipo-americanos é atenuado através das gerações (5), Longhi fez um estudo de caso para testar esta tendência, também, entre os nipo-brasileiros. Os seus informantes eram todos brasileiros de ascendência japonesa, de diversas gerações, residentes em Tokyo na época da pesquisa, temporariamente, a serviço ou a estudo. Os resultados foram medidos através de um questionário com 94 itens divididos em 2 partes: a primeira parte relacionava-se com a aquisição da língua, uso e preservação e a segunda era uma versão, em português, do questionário de identidade étnica usado pelo Matsumoto *et al.* em estudos feitos com nipo-americanos em Honolulu, Seattle e Tachikawa. Os dados foram analisados em termos de sexo e gerações. A variável sexo não trouxe resultados relevantes à análise global mas a variável geração, embora não tanto significativa, confirmou a hipótese inicial. Longhi acrescenta que, devido à limitação da amostragem, este estudo de caso não é representativo das tendências registradas entre os nipo-brasileiros. Pretende-se, como passo subsequente, efetuar a mesma pesquisa aqui no Brasil, onde poderia obter resultados mais conclusivos com as três gerações de nipo-brasileiros aqui residentes.

Hansen (1952, apud Giles, 1977:272) propôs o "retorno dos netos", explicando que, dentro dos grupos de imigrantes, o in-

teresse quanto a sua identidade étnica é despertada, frequentemente, na terceira geração, ou seja, há um retorno às origens. Esta tendência é explicada da seguinte forma: como uma fase em transição, a segunda geração está mais voltada em consolidar a sua posição dentro da sociedade hospedeira, enquanto a terceira geração, mais equilibrada e menos conflitante, dispõe de tempo para pensar e refletir melhor: (i) as tradições do seu grupo étnico; (ii) o papel que exerce dentro da sociedade.

Fishman (1966) no artigo "Language Loyalty in the United States" contesta esta suposição, rotulando-a de simplista porque o fator etnicidade não é tão forte na terceira geração devido ao seu adiantado processo de assimilação. Entretanto, em 1985, ele revê esta colocação e afirma que o estudo da língua e etnicidade traz à tona, de uma forma direta, as questões sensíveis e conflitantes da continuidade étnica intergeracional e preservação da língua, onde o papel simbólico desta é, novamente, enfatizado.

No levantamento feito com os nipo-brasileiros de Brasília verificou-se que há, realmente, um grande interesse por parte da terceira geração de japoneses em aprender a língua japonesa e, por meio dela, a cultura respectiva. Resta saber as razões desta tendência que podem ser: (i) a volta às origens; (ii) a procura da sua identidade social; (iii) a importância da língua japonesa como fator instrumental de ascensão social. (maiores detalhes serão discutidos no capítulo seguinte).

2. MUDANÇA DE CÓDIGO

Um dos fenômenos mais notável no comportamento verbal dos bilíngües nisseis é, provavelmente, o uso alternado de dois códigos - japonês e português - conhecido como mudança de código ou alternância de línguas.

Existe uma literatura extensa a respeito deste fenômeno, sendo as mais conhecidas, as seguintes pesquisas: Gumperz & Hernandez (1968/1971), Blom & Gumperz (1972), Gumperz (1976), Gal (1979) e Hamel e Muñoz (1981). Estes estudos enfatizaram o efeito comunicativo da mudança de código em um mesmo discurso. Mesmo com este enfoque, o mecanismo que processa a mudança de código permanece, ainda, uma incógnita.

Em 1.2., comentou-se a questão referente à mudança de código dos nisseis como sendo um fenômeno bastante evidente mas pouco explorado. Atribui-se, com freqüência, a esta "mistura de línguas" destes falantes, o rótulo simplista de *deficit* lingüístico. Lance (1969 apud Haugen, 1979) observou que *it is primarily monolingual speakers of either language who make this claim*". No entanto, a mudança de código dá-se, na maioria das vezes, em conversas informais de falantes que dominam bem ambos

os códigos. O próprio Lance, analisando os bilíngües (espanhol- /inglês) em Texas, constatou que os falantes mexicanos eram altamente versáteis e competentes, lingüisticamente, nos dois códigos, com a vantagem de misturá-los quando a situação social se apresentasse ambígua.

O presente trabalho centrará a sua atenção no aspecto comunicativo da mudança de código, numa tentativa de mostrar como os participantes da interação utilizam os conhecimentos lingüísticos e sociais para interpretar conversas bilíngües. É bem verdade que, em algumas situações, credita-se à inabilidade dos falantes o fato de utilizarem-se de um código em detrimento de outro, porém, isto não indica, necessariamente, um desconhecimento do sistema gramatical em questão. Considera-se a mudança de código, uma estratégia discursiva, quando o falante transmite ao seu interlocutor, um pouco mais do que informação justaposta de códigos diferentes.

A mudança de código é espontânea e ocorre dentro de um mesmo ato de fala, sem nenhum indício aparente de modificação na fluência do discurso como: hesitação, pausa, mudança na entoação, etc. Bell (op.cit.p.117) comenta que

...that "language mixture", far from making communication for bilinguals with substantially shared repertoires more

difficult, actually facilitates it.

Observe nos dois exemplos clássicos extraídos de Fishman (1975:680-682) e Gumperz (1976a:1) o que é uma mudança de código.

(1) O chefe e a secretária, na rotina de um escritório (espanhol - inglês)

Secretary: Do you have the enclosures for the letter, Mr. Gonzalez?

Boss : Oh yes, here they are

Secretary: Okay

Boss : Ah, this man William Bolger got his organization to contribute a lot of money to the Puerto Rico parade. He's very much for it. *Tu fuiste a la parada?*

Secretary: *Si, yo fui...*

(2) Profissionais "chicanos" em California, despedindo-se (espanhol-ínglês)

A. Well, I'm glad I met you

B. *Andale, pues*

Nos estudos feitos em Khalapur (Índia) e Hennesberget (Noruega), Gumperz (1964a, b) constatou que o repertório verbal

pode ser definido tanto em termos lingüísticos como em termos sociais, isto é, o "repertório verbal" correspondia à "organização social" dos falantes.

Em Khalapur, a língua padrão oficial ("Hindi"), ensinada nas escolas; simbolizava a elite e o *status quo* dos residentes. Mesmo assim, a comunicação entre os moradores dessa vila era feita no dialeto local. Gumperz comenta que, em interações puramente locais, onde havia uma predominância do dialeto, todos, inclusive os altamente educados, usavam o dialeto para simbolizar maior participação na vida comunitária.

Em Hennesberget, uma comunidade de 1.300 habitantes na região nordeste da Noruega, falam-se tanto o dialeto local (Rakamål) como a língua padrão (Bokmål). Os residentes em Hennes consideram a fala local mais apropriada para as interações orais, tanto em casa como fora dela, Bokmål é usada em outros âmbitos mais formais. Mesmo com essa clara delimitação funcional de uso, os habitantes insistem no seu direito de usar o dialeto em várias ocasiões para mostrar que "não se envergonham da sua origem". As normas sociais limitam o uso do Bokmål a locais e estilos restritos como igreja, literatura e alguns tipos de interação com os não-residentes. (6)

Os vários estudos sobre bilingüismo e variação dialetal

concluíram que, em todas as comunidades de fala, ocorrem mudanças entre distintas variedades durante uma interação. Fischer (1958) observou que a substituição de "goin'" por "going", na sociedade americana, indicava uma mudança de enfoque do discurso que passava da informalidade à formalidade.

Brown & Gilman (1960:253), por outro lado, constataram que, na França, a seleção do pronome "tu" ao invés de "vous" estava relacionada às dimensões de poder e solidariedade; neste contexto, entende-se "poder" como característica de uma relação assimétrica, i.e., um controle maior do interlocutor sobre o outro em decorrência das variáveis idade, sexo, papéis institucionalizados da igreja, do poder público ou mesmo do lar. A solidariedade, em contrapartida, é simétrica e igualitária.

Gumperz, nos estudos posteriores (1967, 1969, 1970; Gumperz & Hernandez, 1969) observou que mesmo nas comunidades bilíngües estáveis, alguns falantes alternavam os dois códigos pelas mesmas razões que um monolíngüe selecionava estilos de fala. Este uso de variações superpostas estabelecia uma nova dimensão de comportamento lingüístico, colocando, em evidência, dois tipos de interações: a transacional e a pessoal.

Enquanto a interação transacional era centrada nos

objetivos socialmente definidos (situações formais e impessoais onde se espelhavam a hierarquia social das variantes), a interação pessoal era centrada no indivíduo como um participante ativo. Este comportamento era observado, predominantemente, em conversas informais entre amigos ou entre membros de um mesmo grupo étnico ou, ainda, em discussões onde o tópico era mais importante que as características sociais dos participantes (Gumperz, 1964:149).

Bourhis (1977:117) admite a dificuldade de se fazer um estudo lingüístico de um grupo étnico (7) sem se referir ao fenómeno da mudança de código. As variedades lingüísticas ou estilos de fala em interações étnicas são, particularmente, importantes visto que conferem identidade ao seu grupo (Fishman, 1977).

2.2.1. Mudança de Código Conversacional

A mudança de código conversacional pode ser definida como uma justaposição de partes da fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes, dentro de um mesmo discurso. Gumperz (1976a:) afirma que

Most frequently the alternation takes the

form of two subsequent sentences, as when a speaker uses a second language either to reiterate his message or to reply to someone else's statement

Observe que a mudança de código conversacional difere, claramente, tanto linguística como socialmente, daquilo que se caracteriza como diglossia (2.1.1.). Nesta, muda-se o código para redefinir situações, i.e., as diferentes variedades são empregadas em determinadas situações que são limitadas por tipos de atividades ou diferentes categorias de falantes. Numa situação diglósica, somente um código é empregado em cada situação (Ferguson, 1959).

Fishman (1967) retoma o conceito cunhado por Ferguson e amplia a noção de diglossia a todos os casos de uma dualidade funcional estável, socialmente determinada, existente numa comunidade de fala. Estabelece também uma delimitação analítica entre bilingüismo (perspectiva individual) e diglossia (perspectiva social). Com isso, continua Fishman, a relação entre bilingüismo e diglossia cria quatro situações básicas possíveis, a saber:

1. Diglossia e bilingüismo

Quase todos os falantes são bilingües ou bidialetais e existe uma distribuição funcional diglósica. Como exemplo,

podemos citar, a Suíça alemã (Hochdeutsch-Schwyzertütsch) e Paraguai (Espanhol-Guarani).

2. Bilingüismo sem diglossia

Quando não há uma delimitação funcional da língua, i.e., a ausência de uma distribuição funcional diglósica faz com que a função lingüística não seja mantida através das gerações. Segundo Fishman, a língua dos imigrantes tende a desaparecer quando os falantes adotarem a língua da sociedade hospedeira. Ex: os trabalhadores migrantes no mundo ocidental como mexicanos nos EUA, imigrantes no Brasil, etc.

3. Diglossia sem bilingüismo

Quando há arranjos políticos e sociais. Como exemplos, poderemos citar: (1) o colonialismo através do mundo são instantes de diglossia político-territorial sem bilingüismo generalizado, isto é, só os colonizadores têm acesso à língua dominante; (2) o francês falado pela aristocracia russa antes da primeira guerra mundial.

4. Nem diglossia, nem bilingüismo

Fishman não cita nenhum caso específico. Contudo, Bortoni levanta a hipótese de que esta situação pode vir a ser o caso de falantes bidialetais no Brasil, i.e., falantes da língua não-padrão.

A noção ampliada de diglossia feita por Fishman coincidiu com o *boom* da sociolinguística dos anos sessenta e setenta e, principalmente, com a tomada de consciência sobre a problemática das minorias étnicas nos EUA. O trabalho clássico de Labov, que defende a fala dos negros norte-americanos contra os preconceitos existentes, surgiu também nessa época (1972). O grande mérito desta versão de Fishman é oferecer, sobretudo, uma saída prática e funcional para explicar as complicadas relações existentes em sociedades multilíngües, como diz Hamel (1986:94), "um campo que manifesta sua virulência política".(8)

Na mudança de código conversacional, ao contrário, a relação existente entre o uso linguístico e o contexto social é muito mais complexa porque os participantes durante uma interação selecionam os seus códigos de maneira automática e quase inconsciente.. Com o objetivo de se comunicar eficientemente, os falantes precisam controlar não apenas o código linguístico, mas a sua escolha, que permita produzir um discurso coeso, a fim de manter ou criar relações sociais. A seleção é crucial, pois estão muito mais interessados no efeito comunicativo do discurso. Nestas interações, os falantes compartilham conhecimentos subjacentes que conferem significados sociais especiais. Neste sentido, a escolha linguística torna-se uma questão central. Gumperz (1972) trata a mudança de código como um recurso comunicativo imbuido de informações semântico-pragmáticas.

... /the speakers/ build on their own and their audience's abstract understanding of situational norms, to communicate metaphoric information about how they intend their words to be understood

2.2.2. Abordagem sócio-psicológica da mudança de código

Bourhis (op.cit.p118) divide em três grandes grupos, os fatores determinantes da mudança de código que são: fatores micro-sociolingüísticos (tópico, ambiente social da interação, finalidade da conversa e características do interlocutor), fatores sócio-psicológicos (motivos, sentimentos, lealdade, crenças, percepção, etc) e fatores macro-sociolingüísticos (diglossia e bilingüismo, territórios lingüísticos, planejamento lingüístico, etc). Com esta divisão, ele tentou mostrar que a abordagem sociolingüística tradicional não daria conta de todos os instantes da mudança de código em encontros intra e inter-grupais. Segundo ele, as normas e regras sociais explicam alguns aspectos da estratégia discursiva como no caso da mudança de código situacional e mudança de código metafórica (Blom &

Gumperz, 1972:408). O objetivo de Bourhis foi demonstrar que, para dar conta de outras estratégias, como a teoria da acomodação de Giles (1977) quando a fala é convergente ou divergente, a análise da mudança de código deve ser complementada com uma abordagem sócio-psicológica.

Giles fez um estudo sobre a motivação dos falantes ao mudarem as suas falas em contextos sociais diferentes e, especialmente, no momento da interação. O postulado básico desta teoria, que é conhecida como teoria da acomodação, é que as pessoas são motivadas a ajustar, a acomodar a sua fala, como um meio de expressar valores, atitudes e intenções perante os outros. Por outro lado, a fala é divergente quando o falante acentua a diferença comunicativa existente com o interlocutor a fim de manter a sua identidade cultural. Consciente ou inconscientemente, os falantes usam estas estratégias discursivas em função dos ouvintes, i.e., o falante quer "transmitir" ao ouvinte que ele é ou não um membro do mesmo grupo étnico. (Giles, 1977:321). Bourhis (op.cit.p.128) complementa esta idéia e acrescenta que, como um fenómeno psico-social, a "acomodação" pode ser considerada como um processo em que os indivíduos, em interação social, podem, com os recursos lingüísticos, simbolizar sua solidariedade, em alguns instantes, e distância, em outras circunstâncias. Durante este processo dinâmico, Peng (1974 apud Bourhis, 1979) observou que os falantes podem, através da sua escolha lingüística, criar um clima de "proximidade" ou de-

"afastamento" em relação ao seu interlocutor. Peng descreveu, ainda, as várias formas de fala usadas no Japão onde os falantes aumentam ou diminuem a distância comunicativa com os seus interlocutores, dependendo de como eles se sentem diante destes e, algumas vezes, pelas próprias normas sociais que regem situações específicas. (9)

Estes estudos contribuem para o esclarecimento de alguns aspectos da interação étnica e compreensão melhor da dinâmica de um comportamento verbal.

2.2.3. Mudança de código dos nisseis

Há mais de 20 anos atrás, em 1966, Fishman enfatizou a urgência de se estudar a língua dos imigrantes antes que esta desaparecesse, totalmente, ou fosse substituída por outra. Muitos estudiosos responderam a este apelo e, a partir de então, surgiram vários trabalhos (teses não publicadas na maioria das vezes) concernentes ao comportamento lingüístico dos imigrantes. (10)

Mesmo no Brasil, no ano em que a imigração japonesa está completando 80 anos de história, é escasso, ainda, o número de trabalhos relacionados ao comportamento verbal dos imigrantes.

Como disse Fishman, é preciso que mais e mais pesquisadores investiguem e analisem todos os aspectos do comportamento verbal deste grupo étnico, considerado a maior comunidade japonesa fora do Japão (segundo os dados do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, SP (III), só restam 4 imigrantes da primeira leva de imigrantes vindo ao Brasil em 1908).

O nissei é um ser complexo e muito ambíguo devido às duas identidades virtuais que estão sempre em jogo, como consequência da dupla orientação que recebeu no lar, isto é, tornar-se um membro digno da comunidade japonesa e, ao mesmo tempo, integrar-se à sociedade brasileira através de sua formação profissional para ascender socialmente (cf. Saito, op.cit., 322). E por esta razão que as identidades são negociadas através do discurso, dependendo das circunstâncias e dos interlocutores. O problema não é apenas sintático ou gramatical, mas uma questão de estrutura da sua personalidade. As relações sociais são indicadas na fala através das estratégias discursivas porque a escolha de uma estratégia depende crucialmente das relações entre os interlocutores. (Brown & Levinson, 1978:319).

A diferença linguística dificultava a comunicação e criava problemas de toda natureza: da alimentação aos hábitos em geral, reforçada, às vezes, pela simples falta de comunicação verbal. O choque cultural manifestava-se através de reações diversas, desde a admiração até o antagonismo, devido ao etno-

centrismo de ambos os grupos. Mas, como nenhum grupo podia-se viver isoladamente, os bilíngües desempenhavam o papel de "canal de comunicação", ligando os dois mundos discursivos.

Os bilíngües têm duas competências comunicativas que funcionam simultaneamente num contexto sincrônico.⁶ Hymes (1972) define a competência comunicativa como habilidades de que o falante dispõe para comunicar apropriadamente numa determinada situação social. Rocha Nogueira (1983:152) diz que

todo imigrante é portador de elementos culturais recebidos em sua terra natal e que irão forçosamente entrar em contato com aqueles vigentes no país receptor. Nessa ocasião, a língua desempenha papel fundamental

Esta afirmação vem corroborar a importância de um estudo sociolinguístico desta natureza.

2.2.4. Bilingüismo, mudança de código e Sociolingüística

A análise sociolingüística caracteriza-se por: (a) focalizar a diversidade lingüística, isto é, as possíveis maneiras de se expressar o que é, referencialmente, a mesma coisa (Labov, 1972:188) e (b) demonstrar os significados sócio-simbólicos da fala. O seu postulado básico é enfatizar o uso da língua por este ser mais sensível aos fatores extra-lingüísticos (Hymes, 1962; Ervin-Tripp, 1964 e Gumperz, 1964). Se, durante o processo de uma interação verbal, o falante tem de procurar entre as N possibilidades do seu repertório verbal, o código X ou Y mais apropriado para esse momento, a escolha lingüística para bilíngües é crucial e decisiva para o êxito da comunicação (Brown & Gilman, 1960 e Frake, 1964).

Uma grande parcela da teoria lingüística pós-Chomsky tem trabalhado com base na competência lingüística do falante/ouvinte ideal, numa sociedade homogênea. Este tipo de abordagem, contudo, não ampliou os conhecimentos da função da língua na sociedade, uma vez que ignorava o fator variação. Gal (1969:4) observa que a ênfase na variação de uma língua como instrumento

de uma interação social colocou a sociolinguística num caminho oposto ao da linguística estrutural e, principalmente, ao da gramática gerativa, que ressaltava os aspectos formais do código.

As pesquisas sociolinguísticas vêm demonstrando que a língua não pode ser separada do contexto social, onde algumas regras sócio-culturais têm um desempenho importante. Observe-se que, no caso dos bilíngües, por definição, eles vivem em comunidades não homogêneas (Haugen, 1970:3) e são também falantes-ouvintes longe dos padrões idealizados pelo Chomsky.

O ideal, sem dúvida, é analisar a língua como um todo, sem ter de dividi-la em dois blocos estanques: social (metafórico) e referencial (literal). Segundo Erickson (1980), os psicólogos cognitivistas não foram os únicos a fazer estas distinções. Os linguistas pró-Chomsky assim como os filósofos analíticos britânicos e os estruturalistas franceses (na linha do Lévi-Strauss) também enfatizaram estas diferenças. Mas, as críticas sociolinguísticas de Hymes (1964) a Chomsky, as críticas de Wittgenstein junto com o crescente conceito de que o ato de fala é um ato social (cf. Searle, 1969) disparadas contra os filósofos analíticos britânicos, acrescidas, ainda, de farpas de Bourdieu (1977) fizeram com que os conceitos fossem reestudados. Todas estas críticas centravam-se na questão da separação, i. e., o estudo da língua como uma abstração e o uso dela na

vida social como uma ação praticada no seu contexto. Erickson observa, ainda, que a língua deveria transmitir os significados sociais e referenciais, simultaneamente, implícita e explicitamente, verbal e não-verbalmente, ambos inferidos ao longo da interação pelos interlocutores. Como os fenômenos sociais e lingüísticos estão sempre presentes, qualquer abordagem sobre a mudança de código de falantes bilíngües deve correlacionar variáveis sociais e regras de interação com padrões lingüísticos de códigos em contato.

A relação social é uma variável que se situa entre a estrutura lingüística e a sua realização na fala. É indicada na fala por meio de estratégias de uso linguístico que dependem da relação existente entre os interlocutores. Neste sentido, a língua é um importante marcador de identificação.

Como já foi dito em 2.2.1., Gumperz (1964) distingue dois tipos de interação: transacional e pessoal. Na primeira, os falantes têm um objetivo socialmente definido e específico, e.g. um pedido de emprego, consulta médica, etc. Em tais encontros, os interlocutores agem para desempenhar os seus papéis, dando menor ênfase a sua individualidade. Na segunda, os falantes são livres para expressarem-se como indivíduos e não como participantes de um encontro socialmente definido. A mudança de código entre bilíngües, a meu ver, insere-se neste segundo contexto.

2.2.4.1. Mudança de código: ênfase nos fatores estruturais (lingüísticos)

Para atingir os objetivos do presente trabalho, será necessário distinguir os conceitos "interferência" e "empréstimo" da "mudança de código". Weinreich (1953) conceituava "interferência lingüística" como casos de desvios da norma de uma das línguas faladas por um indivíduo bilingüe e definiu dois tipos de interferência: na língua (empréstimo) e na fala (interferência) (2.1.1.). A maioria dos fenômenos de "interferência" (denominados "transferência" por alguns autores) são efêmeros e individuais, diz Vogt (apud Staub, 1983:56), e os que se tornarem freqüentes e fixos são chamados de "empréstimo". A interferência lexical ocorre por causa das "falhas" existentes na estrutura da língua receptora (Weinreich, 1953; Clyne, 1967). Le Page (1969 apud Tosi, 1984:87) sugeriu a possibilidade de se usar a "interferência" para medir o grau de aculturação de indivíduos em comunidades bilingües. Esta hipótese foi examinada por Clyne (1967) que investigou a evolução de uma comunidade de refugiados alemães numa área suburbana de Melbourne, Austrália. Este estudo descreveu, lingüisticamente, o processo e o efeito das línguas em situação de contato e as suas interferências.

Haugen (1953) e Hymes (1961) observaram que o significado transcultural ("cross-cultural") do fenómeno da interferência é mais relevante do que a interpretação do efeito do processo de interferência morfológica e/ou fonética. Já, Diebold (1961) afirma que a mudança resultante do processo de "bilingüização" ("bilingualization") é chamado de "interferência" ou "empréstimo", enquanto para os antropólogos, este processo de aprendizagem é "aculturação" e o resultado disto, "empréstimo". Há, portanto, segundo este último enfoque, dois aspectos a considerar: o processo de aprendizagem, i.e., bilingüismo e aculturação e o efeito deste processo, i.e., interferência e empréstimo, tanto no nível da língua como no da cultura. Tradicionalmente, os lingüistas só se interessaram em examinar os aspectos lingüísticos destes fenómenos e, em especial, os elementos observáveis numa fala bilingüe.

Um problema ligado à delimitação do conceito de "interferência", mesmo no nível formal, é decidir quando o uso do elemento de uma língua no contexto da outra pode ser considerado "interferência" ou "mudança de código". Poplack, Sankoff & Miller (1988:53) observam que

*Methodological . . . difficulties in
distinguishing single borrowed words in
context from single code-switched items*

further complicate the description of patterns of bilingual behavior. The consequences for a theory of bilingualism of systematically mistaking code-switching for borrowing or vice-versa are even more serious

Recomenda-se, para maiores esclarecimentos, a leitura do trabalho realizado por Staub (1983) sobre o empréstimo lingüístico dos colonos alemães no Rio Grande do Sul, onde o pesquisador faz um estudo profundo sobre estes dois conceitos.

Nota-se, nos últimos anos, um crescente interesse com relação às descrições de parâmetros gramaticais na mudança de código. Entre os trabalhos que dão maior ênfase aos fatores estruturais que condicionam este processo, destacaremos aqueles que analisam o fator social a partir de explicações lingüísticas. São eles, Sankoff & Poplack (1979), Sankoff (1980), Di Sciullo, Muysken & Singh (1986), Berk-Seligson (1986) e Clyne (1987).

Poplack (1980) conclui que a mudança de código ocorre quando não há uma violação de regras sintáticas na estrutura superficial das duas línguas, bem no momento em que os elementos da L1 e L2 se justapõem. Para testar esta hipótese, ela analisou a fala de 20 porto-riquenhos (com diversos graus de bi-

lingüístico) residentes numa comunidade bilingüe estável. A análise foi quantitativa e revelou que os bilingües, fluentes ou não, eram capazes de mudar o código com bastante frequência e, ainda, manter a gramaticalidade tanto na L1 como na L2. Observou também que a mudança de código entre-sentenças era maior entre os bilingües não-fluentes e sugeriu que a ocorrência de mudança de código intra-sentenças entre falantes bilingües poderia servir de indicador para medir o grau de sua competência bilingüe. (Poplack, 1980:615)

...precisaly those switch types which have traditionally been considered most deviant by investigators and educators, those which occur within a single sentence, are the ones which require the most skill. They tended to be produced by the "true" bilinguals (...) speakers who learned both language in early childhood.

Berk-Seligson (1986) contesta a afirmação de Poplack (1980) e diz que *"that intrasentential code-switching ability cannot, as some have argued, universally be considered a measure of bilingualism nor a mark of the balanced bilingual"*. Ela ressalta a necessidade de se pesquisar melhor as línguas sintaticamente divergentes que estão em íntimo contato.

O modelo gerativo da mudança de código bilingüe de Woolford (1983 apud Clyne, 1987:742) aponta a compatibilidade gramatical como pré-requisito para a mudança de código. Segundo ele, as duas gramáticas "*co-operate to generate code-switching sentences*".

Di Sciullo, Muysken & Singh (1986) observam que a integridade estrutural dos componentes da mudança de código é preservada e os códigos misturados ("mixing codes") permanecem fonológica e morfologicamente separados. Eles distinguem bem os conceitos "code mixing" (inter-sentenças) e "code switching" (intra-sentenças). Já, McLure (1977) emprega "code switching" como um termo genérico que se divide em 2 subcategorias: engloba "code changing" (intra-sentenças) e "code mixing" (inter-sentenças)

Clyne (1987) examinou os determinantes da mudança de código e suas implicações teóricas nos mais recentes estudos feitos por Sankoff & Poplack, Di Sciullo et al., Poplack, Woolford e chegou à conclusão (1987:761) de que a mudança de código e seus determinantes são fenômenos da estrutura superficial e a interação entre "triggering", "syntactic transference" e "syntactic convergence" reforça os argumentos em favor de uma "mixed grammar".

Sankoff & Poplack (1979), de fato, também haviam chegado

à conclusão de que a mudança de código opera no nível da estrutura superficial da sentença, portanto não é gerado na estrutura profunda.

2.2.4.2. Mudança de código: enfoque estratégico-discursivo

Vimos afirmando, desde o início, que a mudança de código de uma língua à outra não ocorre, simplesmente, por *deficit* lingüístico. Muito pelo contrário, ela dá-se quando a situação social condiciona o uso de uma determinada língua, isto é, o contexto de uma situação diglósica (2.1.1.). Observe-se que, neste tipo de interação, estão envolvidos fatores muito mais complexos que simples alternância de línguas. Citando Gumperz (1982:68)

...code switching is ultimately a matter of conversational interpretation, so that the relevant inferential processes are strongly affected by contextual and social presuppositions

A escolha de um estilo ou de uma língua, segundo Gumperz, é uma estratégia que o falante utiliza para transmitir ao seu interlocutor a imagem de um indivíduo com qualidades socialmen-

te definidas ou expressar uma determinada atitude ou impressão relativa ao tópico da conversa. O trabalho feito em Hennesberget por Blom & Gumperz (1972) é um bom exemplo para ilustrar a mudança de código como estratégia de apresentação do "self" (Goffman, 1959) do falante. Eles observaram que, numa situação, onde o argumento demandava o *status* de intelectual do falante, ocorria uma mudança para a língua padrão (Bokmål). Os conceitos como *status* e papéis ("role") são símbolos abstratos comunicativos e, não, qualidades permanentes dos falantes (Gumperz, 1972:15). Worsley *et al.* (1970 *apud* Munby, 1977:235) observam que o "papel" do falante existe em função do "papel" do seu interlocutor. No estudo clássico feito por Brown & Gilman (1960), o uso dos pronomes "tu" e "vous" era dependente dos papéis desempenhados pelos interlocutores. Neste sentido, as relações sociais podem, ainda, ser simétricas ou assimétricas. O denominador comum das relações simétricas é o grau de solidariedade e familiaridade entre os participantes. Por outro lado, a relação assimétrica é calcada no poder no sentido dado por Brown & Gilman, (1960) e Fischer (1964), ou seja, no grau de controle (idade, posição sócio-econômica, classe social, ocupação profissional, etc) que um dos interlocutores exerce sobre o outro.

A mudança de código, usada para expressar atitudes relativas ao tópico da conversa, está evidente no estudo feito por Gumperz & Hernandez-Chaves (1971), na Califórnia, com uma falante bilingüe espanhol/inglês. A mudança de código ocorrida

durante a discussão, cujo tema referia-se a "desistir ou não de ser fumante", mostra, claramente, a atitude do falante diante deste problema. As frases em espanhol expressam intimidade e sentimentos pessoais enquanto as proferidas em inglês expressam, exatamente, o inverso. A habilidade de inferência do ouvinte é fundamental para este tipo de estratégia. Gumperz & Hernandez-Chaves (1971:328) concluíram que

code switching is a communicative skill which speakers use as a verbal strategy in much the same way that skilfull writers switch styles in a short story

Como estratégia discursiva, uma importante distinção deve ser feita entre as mudanças de código situacional e metafórica (Blom & Gumperz, 1972). Na primeira, a alteração entre variedades redefine uma situação envolvendo uma mudança de tópico e/ou de participantes e na segunda, a alteração enriquece a situação, conferindo significados metafóricos à escolha lingüística. Saville-Troike (1982:64) observa que a segunda pode distanciar ou aproximar os interlocutores. Gumperz (1982a) afirma que esta última é compreensível apenas pelos membros de uma mesma cultura. Fishman (1969) continua

Metaphorical switching is a luxury that can be afforded only by those that comfortably share not only the same set of

situational norms but also the the same view as to their inviolability.

Gal (1979:21) acrescenta:

to be intelligible, requires listeners to use their background knowledge about the connotations of linguistic varieties and the contrasts in values and statuses current in the community

linguistic varieties (Gal, 1979)

A noção de competência comunicativa alargou o escopo do estudo das línguas em contato para além dos elementos puramente lingüísticos para incorporar, também, elementos culturais e comportamentais. Saviile-Troike (1982:23) faz uma observação

The concept of communicative competence must be embedded in the notion of cultural competence, or the total set of knowledge and skills which speakers bring into a situation

Gal

Neste sentido, o estudo da mudança de código é, especialmente, interessante e importante porque enfatiza o contraste sócio-simbólico existente no uso das duas línguas, quando os significados sociais, durante a interação, são manipulados pe-

los falantes. Se levarmos em consideração o contexto mais amplo da mudança lingüística, observamos que, através destas micro-situações, poderemos inferir e reconstituir todo um processo histórico-social que deve estar ocorrendo nesse determinado momento.

[Aqui pensamos na relação entre o contexto histórico e o processo de mudança]

NOTAS DO CAPITULO 2

(1) Haugen acrescenta que a afirmação é inadequada porque as línguas não precisam ser realmente usadas e sim, apenas conhecidas (1973:52)

(2) A noção de diglossia foi usada, pela primeira vez, pelo J. Psichari em 1928. Este francês helenista aplicou-a à situação sociolinguística da Grécia para dar conta da relação existente entre o grego escrito e o grego falado. (Prudent apud Hamel, 1986)

(3) Clyne, M. (1967) desenvolveu a noção de "triggering" como "an item of ambiguous affiliation (that is, one belonging to the speaker's two systems) triggers off a switch from one language to another". Ver maiores detalhes em Transference and Triggering - observations on the language assimilation of post-war German-speaking migrants in Australia - Clyne, M., (1967),

The Hague.

(4) Nagara, Susumu (1969) . "A bilingual description of some linguistic features of Pidgin English used by Japanese immigrants on the plantation of Hawaii. A case study in bilingualism. Diss. Univ. of Wisconsin.

(5) Matsumoto, G.M., Meredith, G.M. (1970) "Ethnic Identification: Honolulu and Seattle Japanese-Americans" in *Journal of cross-cultural psychology*, Vol.1, No.1.

(6) Numa conversa informal gravado por Gumperz, os residentes afirmaram, categoricamente, ter usado somente o dialeto local e não a língua padrão. Quando a gravação foi examinada sentença por sentença, constatou-se uma mudança de códigos do dialeto à língua padrão. Os participantes quando souberam do fato, tentaram atribuir o fenômeno à falta de atenção e prometeram só usar o dialeto local nas sessões subsequentes. O resultado das gravações posteriores mostrou que não houve uma queda significativa na quantidade de mudança.

(7) Entende-se por grupo étnico, aquele formado por indivíduos que sentem pertencer à mesma categoria étnica. A identificação se faz através de um conjunto de tradições culturais. (Fishman, 1977)

(8) Hamel (1986:103) observa que a diglossia se refere a uma relação de poder entre grupos sociais; a institucionalização e legitimação de uma língua em determinados âmbitos, dá-se por força do poder do grupo lingüístico em questão. Esta observação contradiz a afirmação de que a diglossia é um exemplo de coexistência lingüística estável. A diglossia é uma parte integrante e necessária de um conflito lingüístico e processo histórico de mudança que caminha até a substituição de línguas ou à estabilização das mesmas.

(9) A língua japonesa contém uma variedade de pronomes pessoais, cuja escolha constitui um índice de status social e condiciona as relações interpessoais. Para uma compreensão melhor, recomenda-se a leitura do artigo "Words for Self and Others in Some Japanese Families" de J.L.Fischer (1964) in The ethnography of communication eds., J.J. Gumperz and D. Hymes, pp.115-126.

A língua japonesa é muito rica em formas especiais que indicam respeito, cortesia e formalidade. Este conceito surgiu na sociedade altamente estratificada da China Imperial, onde a língua era um meio de distanciar ou aproximar as pessoas. Estes conceitos foram introduzidos no japonês e são usados até hoje, principalmente, nas formas lingüísticas de polidez. (nota da autora)

(10) Para um apanhado completo ver Bilingualism, language con-

tact and immigrant languages in the United States: a research report 1956-1970 de Einar Haugen, publicado em 1973 pela Mouton.

(11) Esta pesquisa foi realizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, com o apoio financeiro da Japan' International Cooperation Agency (JICA) e o auxílio técnico (trabalho de campo) da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre julho-setembro/87. Os dados foram processados nos computadores da empresa Kyoei Facom, no Japão, entre janeiro-abril/88.v

CAPITULO 3

3. METODOLOGIA E ANÁLISE

3.0 Introdução

O objetivo do presente estudo é analisar a conversa bilíngüe dos nipo-brasileiros a partir de un enfoque sociolingüístico, levando-se em consideração os fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam uma interação. Em especial, enfatizar-se-á o aspecto discursivo-estratégico da mudança de código, quando os falantes negociam os significados sócio-simbólicos. É importante ressaltar que a interpretação numa interação deste tipo, resulta de experiências e conhecimentos culturais e lingüísticos compartilhados pelos bilíngües ao longo do tempo (2.2.1 e 3.1.3.1).

Para a coleta e análise de dados, o presente trabalho va-

o fato o processo de mudança de código

Intencional
o contexto
pressão cultural
de interação pragmática □ *mediação entre*

ler-se-á dos construtos teóricos da etnografia da comunicação e da moderna sociolinguística.

3.1 AS ETAPAS DA PESQUISA

3.1.1 Problema e justificativa

Sendo filha de imigrantes japoneses, cuja tradição cultural milenar foi, abruptamente, transplantada para um país jovem, e processo de consolidação da sua própria imagem, onde etnias e culturas diversas convivem, pacificamente, a pesquisadora reconheceu a necessidade de se estudar o redemoinho de línguas e padrões culturais (paciência milenar versus inquietação jovem) que norteiam um nipo-brasileiro, numa tentativa de explicar, talvez, as indagações que são suas também: Que brasileiros são estes? Que japoneses são estes?

Os filhos e netos de uma viagem sem retorno, que começou no início do século, vivem a aventura da busca de uma identidade possível através de um panorama geral da cultura brasileira onde se incrustam, numa mistura sadia, elementos preciosos das particularidades das diferentes etnias.

A sociedade brasileira caracteriza-se pela coexistência de uma variedade de culturas distintas. Cada grupo étnico tem o seu valor, a sua tradição e a sua língua que são passados de geração a geração, como parte de uma herança familiar e como parte de sociabilização do seu grupo. MacNab (1979:231) observa que a língua é uma parte integral do *modus vivendi* - cultura - de qualquer povo. Mesmo sendo a língua uma expressão cultural, a habilidade de se produzir uma sentença gramatical numa língua não implica que se possa manipular estas sentenças de uma maneira culturalmente aceitável (2.2). As restrições sociais sobre a escolha lingüística fazem parte da estrutura social; por conseguinte, o estudo de um determinado sistema gramatical e de normas culturais permite tratar o comportamento lingüístico como uma forma de comportamento social.

Com esta visão, a escolha desta pesquisa baseou-se em alguns fatos fundamentais que são:

- 1 - Urgência em examinar o comportamento verbal dos japoneses em contato com a comunidade local, visto que a história da imigração japonesa atinge um ponto onde se verifica a coexistência de várias gerações.
- 2 - Urgência em investigar a problemática sociolingüística do bilingüismo dos nipo-brasileiros a fim de observar, com maior rigor científico, o mecanismo lingüístico que se pro-

cessa no uso de duas línguas tão distintas; em consequência, averiguar o fenômeno da mudança de código com o intuito de identificar, através deste processo, as atitudes e estratégias usadas pelos falantes, quando diferentes situações e circunstâncias são manipuladas e a transferência de hábitos culturais torna-se um fator muito importante. Em seguida verificar, também, a tendência das gerações futuras (sansei, yonsei, etc) que embora integradas perfeitamente à sociedade brasileira, ainda conservam os traços culturais da origem, em especial, a língua. Giles (1977:307) observa que a língua pode servir como um símbolo de identidade étnica e solidariedade cultural. Gumperz (1982:7) também faz uma observação a respeito quando diz que "*a identidade social e a etnicidade são estabelecidas e mantidas através da língua*"

3.1.2 Os objetivos

Este trabalho pretende alcançar os seguintes objetivos:

- 1 - Analisar a ambivalência lingüístico-cultural dos nipo-brasileiros e detectar a sua identidade étnico-social.
- 2 - Verificar se os fatores transculturais beneficiam ou não a

sua competência comunicativa.

3 - Examinar por que os sanseis demonstram grande interesse em aprender a língua japonesa. As hipóteses são de que:

(1) japonês é uma língua instrumental?

(2) a identidade étnica-cultural é preservada através da língua?

(3) há uma tendência de volta às origens?

3.1.3. Etapa preliminar: estudo piloto

Uma investigação de dados e conceitos do turismo no Japão

Por se tratar de um assunto pouco explorado, fez-se necessário efetuar um estudo exploratório com nipo-brasileiros residentes na região de Brasília, a fim de extrair informações que possibilitassem delimitar a investigação e adotar uma metodologia adequada de análise. Foram distribuídos questionários para 3 grupos: 10 nipo-brasileiros entre 18-23 anos, estudantes na Unb, 10 residentes no Plano Piloto entre 35-50 anos e 10 na Vargem Bonita, entre 15-23 anos (Questionários no. 1, em anexo)

Atividade de leitura de 1969-70, 1980 e 1991 da revista Tourism in Japan.

Constatando-se a existência do fenômeno da mudança de código, o passo subsequente foi elaborar outro questionário mais

do trabalho doméstico e do turismo industrial,

publicado e subdividido respectivamente ao Ministério do Trabalho e da Organização Turística Nacional do Japão.

específico e detalhado que permitisse delinear o perfil socio-lingüístico dos informantes, uma vez que o estudo da mudança de código se restringia aos falantes bilingües (Questionário no.2, em anexo).

3.1.4 Levantamento do perfil dos bilingües

Para delimitar, geograficamente, a área de estudo, escolheu-se a comunidade de Vargem Bonita (3.1.4), por apresentar características ideais para a ocorrência do fenômeno da mudança de código e encontra-se num estágio favorável de desenvolvimento de línguas em contato.

Na seleção dos informantes, aplicou-se o questionário no.2 para 20 residentes em Vargem Bonita, cujo objetivo era obter, grosso modo, os dados referentes ao grau de bilingüismo, às condições de uso de cada língua, às atitudes, ao levantamento histórico familiar e à estrutura de sua rede social. A pequena quantidade de questionários explica-se pelo tamanho físico da comunidade que comporta somente 50 famílias nipo-brasileiras, na maioria isseis ou crianças muito pequenas. O fenômeno que se verifica nos isseis é o da "interferência" e não o da "mudança de código" (2.1.2.1).

3.1.4.1. Coleta de dados empíricos

Estudar o uso da língua *in loco*, implica coletar os dados empiricamente, entendido aqui como gravação de uma fala produzida em situações diversas. Isto porque "empírico" pode ser entendido de duas formas, dependendo do caminho que se está seguindo. Para a lingüística formal, os dados derivam da intuição dos lingüistas e o modelo ou a teoria só se torna empírico após a testagem da sua previsibilidade. Em contrapartida, para a sociolingüística, os dados provêm de conversas produzidas pelos falantes em situações sociais e são usadas como base para construir uma explicação que dê conta de um determinado fato (Schiffrin, 1987).

Escolhidos os informantes, a etapa subsequente foi a coleta de dados empíricos de conversas em situações informais; se a língua é usada para se comunicar, o lugar mais adequado para observá-la será numa situação comum de conversa comunicativa. Esta interação tem um componente temporal, enfatizado pelo fato de que os objetivos, as percepções e as atribuições são, continuamente, modificadas durante o decorrer de um encontro interpessoal (Giles & St.Clair, 1979:9).

The most natural or casual speech is that used in informal situation, when people are

not being recorded by a linguist; when they are involved in the substance of interaction, and are paying least attention to this speech (Gal, 1979:7)

Para a coleta de dados, foi usado um gravador Sony, tipo "walkman", bem discreto, com o intuito de não assustar os informantes. A princípio, pensou-se que a coleta de dados seria feita sem problema algum por ser a própria pesquisadora, membro do mesmo grupo étnico. É preciso compreender bem o que é pertencer ao mesmo grupo étnico. Gumperz (1982b) explica que, devido ao ambiente comunicativo bastante complexo em que vivemos, nos dias atuais, a coesão do grupo étnico não se restringe aos limites geográficos ou à homogeneidade interna das comunidades. Mesmo porque, as comunidades de imigrantes não serão capazes de sobreviver por muito tempo como uma ilha separada comunicativamente. Portanto, neste trabalho, o termo "etnicidade" será entendido como aquilo que

depends less upon geographic proximity and shared occupations and more upon the highlighting of key differences separating one group from another (Gumperz, 1982b:5)

Esta noção fica evidente na análise do item "moralidade" 3.1), quando os nipo-brasileiros se sentem como uma "grande

família" que compartilha os mesmos sentimentos e conhecimentos dentro da sociedade brasileira.

Kreckel (1982) distingue dois tipos de conhecimento: comum ("common knowledge") e compartilhado ("shared knowledge"). Ela define o primeiro como sendo o conhecimento que duas ou mais pessoas têm em comum, como resultado da vivência em contextos semelhantes relativos à cultura, à educação, à localização geográfica, etc. O segundo é este "algo em comum" que é negociado durante as interações. Conforme Kreckel, quanto maior for o conhecimento em comum entre os participantes, maior será a facilidade em estabelecer um conhecimento compartilhado numa interação. Observe-se que o que é compartilhado pelos interlocutores desempenha um papel crucial num discurso, tanto na produção do falante como na interpretação do ouvinte.

Já Gumperz (1982) observa que a identidade étnica recorre aos símbolos lingüísticos para estabelecer convenções na fala que são, significativamente, diferentes. Estes símbolos são muito mais que marcadores de identidade.

A pesquisadora deste trabalho, embora morando num local, geograficamente, distante de seus informantes, tem em comum com eles toda uma tradição japonesa comportamental herdada de seus pais. Estas características (polidez, responsabilidade, modéstia, etc.) parecem ter atrapalhado um pouco a conduta da pes-

quisadora em relação aos seus informantes, uma vez que havia por parte dela uma forte preocupação em não ferir as normas de conduta valorizadas no grupo étnico. Diz Labov (1972b) que o principal cuidado que se deve ter para atingir os objetivos de uma pesquisa, com relação a coleta de dados, é minimizar o efeito causado pelo paradoxo do observador, i.e., observar o uso lingüístico dos falantes no seu dia-a-dia sem distorcê-lo através da ótica do observador.

Schiffrin (1987:15) faz uma observação interessante a este respeito. Para ela, familiarizar-se com seus interlocutores ou ser membro do mesmo grupo étnico é uma vantagem porque propicia oportunidades de interpretação mais próxima das normas de uso de línguas. Este enfoque talvez venha a preencher as deficiências apontadas nos outros métodos sociolingüísticos de coleta de dados: "surveys" e observação participante, porque permite interpretar os significados sociais, culturais e individuais da fala baseando-se no "background knowledge" de normas e valores compartilhados.

3.1.4.2. A Comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

A comunidade nipo-brasileira no DF integra hoje cerca de 1.200 famílias concentradas nos núcleos rurais de Vargem Boni-

ta, Rio Preto, Incra ou Alexandre Gusmão, Taguatinga, Núcleo Bandeirante e Plano Piloto.

A história da referida comunidade no Planalto Central começa com a chegada de doze famílias, a convite do Presidente Juscelino Kubistchek em 1957. Vindos de diversas regiões do estado de São Paulo, foram, no início, para Núcleo Bandeirante, onde se concentraram nas atividades agrícolas.

A área rural produtora da Região Administrativa I de Brasília é constituída, basicamente, de Núcleo Rural de Vargem Bonita e de algumas chácaras, entre as quais se destacam as que se localizam às margens do Riacho Fundo, no Núcleo Bandeirante, do Córrego Vicente Pires e da EPTG. Esta região ocupa 79.955 ha, dos quais, 9.083 ha são administradas pela Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, constituindo o Núcleo Rural de Vargem Bonita, a principal produtora. A atividade agrícola está voltada, principalmente, para a olericultura e fruticultura, existindo, também, considerável número de produtores que se dedicam à pecuária bovina e suína. É nesta área rural que se concentra grande parte da comunidade de origem nipônica que detém bons conhecimentos de práticas de cultivo (1)

3.1.4.3. Núcleo Rural de Vargem Bonita

(1) Dados do CODEPLAN
COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL

O Núcleo Rural de Vargem Bonita resume-se a 67 chácaras de 3,5 a 4 ha, das quais 51 são ocupadas por japoneses e nipo-brasileiros e 16 por brasileiros. A comunidade brasileira restringe-se às famílias de empregados que trabalham para os arrendatários japoneses e nipo-brasileiros. A importância desta comunidade está em produzir cerca de 40% das hortaliças consumidas no DF. As chácaras são arrendadas pela Fundação Zoobotânica por uma quantia simbólica, porém o maior sonho de seus habitantes é adquirir a posse das terras. A extensão territorial deste núcleo rural é de cerca de 370 ha.

Além das chácaras, Vargem Bonita tem um setor residencial, a Agrovila onde funcionam a escola, uma igreja protestante, outra católica, a Associação Nipo-Brasileira local com um campo de "baseball" e com um curso de língua japonesa (80 crianças), um posto de saúde, dois pequenos comércios, um escritório da EMATER/DF, um posto de revenda da Zoobotânica, um prefeito eleito em pleito direto, sem prefeitura e sem verba.

As áreas de Vargem Bonita foram distribuídas em 1961 pela NOVACAP a algumas famílias. Após exaustivas pesquisas na CODEPLAN, no Instituto de Geografia e História de Brasília, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na Fundação Zoobotânica e no EMATER/DF, os dados encontrados referiam-se à produção, à extensão territorial, à ocupação do solo, estatís-

ticamente, processados. Devido à carência de dados que narrassem a história da comunidade, a pesquisadora conseguiu este relato, através de entrevistas com os primeiros moradores do núcleo, os srs. A. e I.U. (nisseis), que será transcrito a seguir:

1960 (...) Um dos primeiro que entraram aqui na Vargem Bonita (VB) foi..., são poucos hoje né? que tem aqui na VB os primeiro que entrou. Só tem, eh, dos imigração japonesa (pós-guerra), só tem acho que 3 ou 4 famílias bem sucedidos(...). Na época do início, por exemplo, então como a VB como iniciativa do governo não deu certo, eles resolveram para pra, pra família tentar plantar verdura aqui. E... foi dos primeiro por exemplo, na época do Israel Pinheiro faz um conveniozinho, convênio não, combinou com meu pai assim pra vê se dava pra trazer família de, de japoneses para aqui pro núcleo, né, diretamente.(...) Vieram em 62 aqui. Nove famílias de...E nessa época a vantagem, por exemplo, que eles deram foi construir um barraco rústico, com 1 quarto, cozinha, sala e..., e deu para gente viver aqui, né. No começo. Mas foi duro por-

que num tinha energia, num tinha asfalto, num tinha nada. Nem água até hoje num tem água, viu. Água do poço. Ah, olha por exemplo o contraste, por exemplo. Do lado de lá são as mansões, são dono de mansões, né; do lado de cá são arrendatários, nós pagamos arrendamento simbólico, muito pequeno, mas já é um contraste danado porque do lado de cá, pessoal faz mansão para passar fim-de-semana.(...) Eu tô brigando com a fundação há mais de 20 anos por causa disso. Mas não consegui mudar nada até hoje.

As 9 famílias chegaram a VB em 1962 diretamente da Ilha de Okinawa, num convênio firmado entre o governo brasileiro e o governo japonês (imigração pós-guerra) e dessas 9 famílias, restam hoje só 4 em VB porque algumas voltaram para o Japão e outras foram para São Paulo.

O primeiro projeto agrícola da NOVACAP para a região de Vargem Bonita não deu certo apesar da grande soma gasta. Vejamos o que diz I.U.

Plantaram batata, arroz, essas coisa, gastaram uma nota violenta e não deu resultado. Então, quando Israel Pinheiro era pre-

feito, mandou chamar principalmente os japoneses né. Ele tinha (preferência) mas os outros lá de cima, não. "Porque só japonês?" e ele respondeu: "E vocês acham que eu chamaria japonês se a terra fosse boa?".(...)
Aí nós começemo a Vargem Boçita assim.

Por estar constituída de famílias vindas após a Segunda Guerra Mundial, esta comunidade é, relativamente, nova. Seus habitantes são da primeira ou segunda geração (muito jovens), conservando, ainda, muitos traços culturais do país de origem. No que concerne ao aspecto lingüístico, a preservação da língua é bastante evidente, devido à natureza da comunidade que é fechada e conservadora. Disse U.

Mas, aqui na VB, a maioria (fala), pode ser sansei, fala "nihongo" (língua japonesa) dentro de casa, principalmente...

São estas as razões que motivaram a pesquisadora a escolher esta comunidade como ponto de referência para os objetivos de seu estudo.

3.2. METODOLOGIA

Convencionou-se distinguir na Sociolinguística duas abordagens extremamente diferentes, a quantitativa que focaliza as generalidades e a qualitativa que fica nas particularidades do fenômeno linguístico. Schiffrin (1987) observa que esta dicotomia é um tanto artificial, porque na verdade, a maior parte das análises combinam ambas as abordagens nos seus procedimentos reais. Observe-se que a análise quantitativa, por exemplo, depende de descrições qualitativas para categorizar os dados ou interpretar as relações causais das tendências processadas estatisticamente. Por outro lado, uma abordagem qualitativa traz implícita a noção de que "mais é melhor", isto é, torna-se necessário a identificação de muitas ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise.

Os dados estatísticos obtidos através de um "survey" requerem um grande número de informantes que respondam a perguntas pré-determinadas do questionário. Esta abordagem quantitativa, i.e., da sociolinguística correlacional, tem contribuído, sobremaneira, para o estudo da variação linguística, citando-se, em especial, os trabalhos de urbanização/focalização/difusão dialetais dos migrantes rurais/urbanos em Brasília, feito por Bortoni (1983), Hanna (1986) e Adant (1988). A referida abordagem, contudo, não dá conta dos significados simbólicos presentes numa interação.

A sociolinguística interacional ou interpretativa, como vem sendo desenvolvida por Gumperz e seus seguidores, ao contrário da correlacional, enfatiza o caráter negociativo da interação (produção e reprodução de papéis dos participantes durante a interação), partindo-se da premissa de que a língua é constitutiva da realidade social (Gumperz, 1982b:1). Hamel (1982:38) observa que *"las acciones tienen significación social sólo en la medida em que se producen, se desarrollan y se transforman en contextos de interacción"*

As três tradições de pesquisa que influenciaram, sobretudo, a abordagem interacionista ou interpretativa de Gumperz são: (1) a etnografia da comunicação; (2) a linguística pragmática e (3) a etnometodologia ou a sociologia da interação verbal. Vale ressaltar que mesmo valendo-se destas três correntes que lidam com fatores sociais na fala, distingue-se delas, teórica e metodologicamente, quando concentra o seu enfoque nas inferências conversacionais em episódios reais.

3.2.1. A etnografia da comunicação

Em 1962, Dell Hymes propõe uma nova perspectiva de análise, que veio a ser conhecida como "etnografia da comunicação"

(1961, 1962, 1964b) para "to fill the gap between what is usually put into ethnography and what is usually put into grammar". Esta corrente encontrou seus suportes teóricos na antropologia lingüística de Boas, Sapir e Whorf e na teoria do interacionismo simbólico de Goffman. O fundamento básico desta teoria é considerar o ser humano como um usuário de símbolos que constituem sua forma específica de interação social (Hamel, 1982:39). Para Hymes (1964), a unidade básica da comunicação é o evento de fala ("speech event"), que consiste de seqüências de atos de fala, limitadas em tempo e espaço e desempenhados pelos participantes num grupo social específico, isto é, atividades sociais culturalmente reconhecidas nas quais a língua desempenha um papel específico. Para descrever os eventos, os etnógrafos usam métodos antropológicos de entrevistas e observação participante para coletar informações sociais, enquanto os dados lingüísticos são extraídos de uma análise gramatical. No entanto, esta abordagem limitou-se a descrever o uso lingüístico num contexto transcultural sem integrar o conhecimento social à interação.

3.2.2. A lingüística pragmática

Contrastando com a ênfase descritiva dada pela abordagem anterior, a lingüística pragmática surgiu motivada, no início, pela teoria lingüística abstrata. A análise pragmática consiste em identificar um determinado ato de fala, como pergunta/res-

posta ou como sugestão/pedido, etc. Embora os lingüistas pragmáticos tenham enfatizado o contexto e o conhecimento social, as pesquisas se limitaram a sentenças isoladas ou textos literários. Schank (1975 apud Gumperz, 1978:195) observa que quando

...linguistic pragmaticists refer to speaker's background knowledge, it is seen in purely cognitive, psychological terms, such as "plans" or "scripts", implying that speakers approach an interaction knowing what they want to say and how to say it

3.2.3. A etnometodologia

O estudo de métodos étnicos, i.e., dos próprios participantes, de produção e da interpretação da interação social é chamado de etnometodologia. Em outras palavras, é uma análise sociológica da interação verbal. Numa série de artigos, Garfinkel (1967, 1972) argumentou que o conhecimento social é revelado durante o processo da interação, isto é, os interlocutores criam o seu próprio mundo social pela maneira como eles se comportam e não através de categorias processáveis estatisticamente. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) foram os primeiros a

focalizar a conversa como o exemplo mais simples de uma atividade naturalmente organizada. Uma das contribuições importantes de Sacks com relação à análise conversacional foi reconhecer os princípios de inferências conversacionais como sendo diferentes das regras gramaticais. Ele usa o termo "máximas" apoiando-se em Grice (1973), para sugerir que as interpretações têm preferências às regras obrigatórias gramaticais. Em outras palavras, isto quer dizer que no nível da conversa, as alternativas possíveis de interpretação são maiores do que no nível da gramática. (cf. Gumperz, 1978). Contudo, esta abordagem não levou em consideração as diferenças existentes entre os falantes.

3.2.4. A sociolinguística interacional

Gumperz (cf. 1982a), observando as respectivas limitações destas três tradições teóricas, sugeriu que se aproveitasse as contribuições positivas apresentadas por estas três correntes e propôs um modelo mais funcional que desse conta das funções comunicativas das variações linguísticas ocorridas numa interação contextualmente situada. Este enfoque englobou, na sua análise, o conhecimento gramatical, as diferenças no estilo comunicativo e o conhecimento subjacente que caracteriza sociedades culturalmente diversas.

3.3. Procedimentos metodológicos

Neste presente trabalho, a etapa inicial consistiu na coleta de dados feita etnograficamente, ou seja, pela observação participante, de sequências autênticas de interação verbal e não-verbal, focalizando, em especial, a mudança de código. Foram 360 minutos de gravação e 20 minutos de gravação em video tape. Os dados foram transcritos para serem analisados na etapa subsequente.

Na fase analítica dos dados, a mudança de código assumiu uma importância fundamental porque é por meio da escolha de um código, entre outros recursos, que o falante bilíngüe elabora suas estratégias comunicativas onde estão implícitos os significados sócio-simbólicos da mudança.

Os dados empíricos, neste trabalho, foram analisados qualitativamente de acordo com os procedimentos adotados pela moderna sociolinguística. Justifica-se, portanto, a não-quantificação dos dados obtidos através de questionários. Estes foram utilizados para analisar alguns aspectos dos falantes, *e.g.* atitudes, com relação ao uso dos dois códigos.

3.4 ANALISE DE DADOS

3.4.1. Análise de dados empíricos

A partir de conversas informais gravadas em diversas situações, observou-se que a fala dos nipo-brasileiros apresenta um alto grau de variabilidade. Os falantes alternam do código japonês ao código português, num freqüente "vai-e-vem" de duas línguas, dentro de um mesmo discurso. A mudança de código, segundo Gumperz (1964:244) é vista como o uso de variedades diferentes fora do repertório lingüístico único, por um ou vários falantes, num determinado episódio interativo.

Constatou-se, também que a mudança de código é um recurso estratégico, bastante comum, utilizado pelos bilíngües nisseis, para estabelecer e manter a comunicação entre as gerações pioneira (issei) e as seguintes (sanseis e yonseis, etc). Em outras palavras, é uma espécie de "ponte" que se liga aos dois mundos sociolingüísticos.

Para ilustrar este fato, analisaremos um episódio envol-

vendo as três gerações que conversam, animadamente, durante o jantar. Observe-se que os avós (isseis) só conversam em japonês e os netos (sanseis), só em português; os filhos (nisseis) são os que mantêm a interação, ora falando em japonês com os pais, ora em português, com os seus próprios filhos e praticando a mudança de código, quando se dirigem aos seus irmãos nisseis (1.2). Apresentamos o episódio com as mudanças de código e, em seguida, a tradução em português.

Episódio 1: JANTAR

Local : sala de jantar

Participantes: avós (isseis) (I)

filhos (nisseis) (N)

netos (sanseis) (S)

(as letras M., Y. e S. correspondem a nome de pessoas)

(1) - (N) Senta aqui, põe o prato aqui.

(2) - (N) Vem mais para cá.

(3) - (I) NOossa! IIKOTO ARE! SentaDEKIRUNO.

(4) - (N) BAA-CHAM KOKOE OIDE YO uhn falta mais um prato...

(5) - (I) OISHISUNE

(...)

filhos

(6) - (N) Ahn, depois a tia dá guaraná para vocês, tá? M. KITTEYAROUKA. M. AMARI dente GA NAIYOU DAKARA. Você quer que a tia corte?

(7) - (S) quero

(8) - (I) BAA-CHAM KITTEYAROUKA faça DE
(...)

(9) - (N) Você não quer ir com a Y. amanhã?

(10) - (N) TSUKARETEIRUNONI, coitada, eu vou.

(11) - (N) HITORIDE é chato

(12) - S. IKITAITO ITTE ITAYO DAKARA pode ir na quinta.

(13) - (N) Vai com a S. para Iguatemi e aqui eu vou com ela porque ATCHI KARA KURUNO Ibirapuera, Morumbi, MUZUKA-SHIIDESHOO

(14) - (N) (...) na quarta a gente vai cedinho pegar o carro (...) está vazio no shopping e aí fica BURABURA depois toma um lanche e aí HIRUSUGUINI KAETTEKITARA aí...

(1) - Senta aqui, põe o prato aqui.

(2) - Vem mais para cá.

(3) - Nossa! QUE BOM! CONSEGUE sentar.

(4) - VOVOZINHA (bem afetivo), VEM AQUI, VEM. Uhn falta mais um prato.

(5) - PARECE GOSTOSO.

(...)

(6) - Ahn, depois a tia dá guaraná para vocês, tá? M. QUER QUE CORTE? a M. PARECE QUE NAO TEM MUITOS DENTES. Você quer

que a tia corte?

(7) - Quero

(8) - QUER QUE A VOVOZINHA CORTE COM A faca?

(...)

(9) - Você não quer ir com a Y. amanhã?

(10) - VOCE ESTA CANSADA, coitada, eu vou.

(11) - SOZINHA é chato.

(12) - A S. DISSE QUE QUERIA IR, PORTANTO pode ir na quinta.

(13) - Vai com a S. para Iguatemi e por aqui, eu vou com ela porque VIR DE LA PARA Ibirapuera, Morumbi, NÃO É MUITO FACIL

(14) - (...) na quarta a gente vai cedinho pegar o carro (...) está vazio no Shopping e aí fica ZANZANDO, depois toma um lanche e VOLTA DEPOIS DO ALMOÇO.

No início, a interação gira em torno de tópicos relacionados a uma refeição (lugar de sentar, elogios à comida, ajuda à criança).

Em (1) e (2), a interação é entre nisseis e sanseis, logo o código escolhido é português. Em (3), a vovó (issei), querendo acompanhar a conversa dos filhos e netos, "fala em português", isto é, introduz as palavras do léxico (interferência lexical) do português dentro de uma sentença em japonês. (4) mostra claramente a posição do

nissei, comunicando-se em dois códigos para dois mundos lingüísticos. Em (6) verifica-se uma afetividade, uma solidariedade em relação à criança M. que precisa de uma reformulação em português para que a mensagem seja compreensível. Se, observarmos por um outro ângulo, esta "reformulação" é um exercício natural de aprendizagem da nova língua, como as feitas em sala de aula, no ensino de uma língua estrangeira. Em (8) verifica-se, novamente, uma interferência, só que no nível da sintaxe. A partícula marcador de caso "de" do japonês, posposto ao termo "faca", confere a este, uma função circunstancial de modo, ou seja, "com a faca".

De (9) a (14), o tópico da conversa é "como ir ao shopping". Observe-se que é neste trecho do episódio que se verificam as ocorrências de mudança de código. Esta conversa foi gravada após o jantar quando os outros participantes já tinham se retirado para outros aposentos, permanecendo aí, apenas nisseis. O ambiente bastante informal, o "à vontade", não observado por estranhos, talvez, propiciado estas ocorrências, uma vez que a "mistura de línguas", nesta geração, está muito ligada à noção de *deficit* lingüístico. Gumperz (1976a) observou que, nas sessões de entrevista onde se discutia a mudança de código conversacional, as atitudes dos falantes em relação a este fenômeno eram bastante diferentes. Alguns

apontavam este processo de "mistura de línguas" como uma forma extrema de "falta de educação" ou controle impróprio de duas gramáticas. Outros o viam como uma forma informal de conversa entre amigos. Estes pontos de vista são também compartilhados pela grande maioria de nisseis brasileiros. São estas as razões por que a mudança de código só ocorre em ambientes informais.

Observem-se as ocorrências de mudança de código intra-sentenças verificadas neste episódio. Segundo Berk-Seligson (1986), a categoria das mudanças de código intra-sentenças consiste de grandes constituintes (orações independentes, coordenadas, subordinadas, frases preposicionais e adverbiais) e pequenos constituintes (determinadores, nomes, frases nominais, verbos, frases verbais, pronomes, adjetivos, preposições, conjunções coordenadas e subordinadas). Poplack (1980), referindo-se a este tipo de mudança de código, observa que

We refer to this as a more complex or "intimate" type, since a code switched segment, and those around it, must conform to the underlying syntactic rules of two languages which bridge constituents and link them grammatically

Veja os exemplos dados por Poplack (1980:589)(I) e compare-os com (II) ocorridos no episódio 1.

(I) (a) - Why make Carol SENTARSE ATRAS PA QUE (sit in the back so) everybody has to move PA QUE SE SALGA (for her to get out?)

(b) - He was sitting down EN LA CAMA, MIRANDONOS PELEANDO Y (in bed, watching us fighting and) really, I don't remember SI EL NOS SEPARO (if he separated us or whatever, you know).

(II) (a) - TSUKARETE IRUNONI (você está cansada), coitada, eu vou

(b) - ...eu vou com ela porque ATCHI KARA KURUNO (vir de lá), Ibirapuera, Morumbi, MUZUKASHIIDESHOO (não é muito fácil)

(c) - ...está vazio no shopping e aí fica BURA BURA (zanzando), depois toma um lanche e aí HIRU SUGUINI KAETTEKITARA (volta depois do almoço)

Episódio 2 : COMPRA E VENDA

Local : quitanda

Participantes: issei e nissei (os vendedores) (I,N)

nissei (compradora) (Nc)

brasileira (compradora) (Bc)

- (1) - (N) (...) agora 7.000, esse bom, não tá? Bom, né.
- (2) - (Bc) O que é isto? (apontando para um pacote de peixe salgado, tipicamente japonês)
- (3) - (N) Esse, peixinho, peixe pequenininho
- (4) - (Bc) Ahn, peixinho?
- (5) - (N) E...
- (6) - (Bc) Uhn...uhn...e o que que faz com isto? Come? E aí?
- (7) - (N) Rica de vitamina
- (8) - (Bc) Tchau
- (9) - (N) Tchau tchau, obrigada.
(...)
- (10) - (Nc) KYOO KITANO? (apontando as maçãs)
- (11) - (I) KYOO NANIGA KITAKANE. MADA MOTTE KITEORAN. Hoje KITORANYO ... KEDO ONNASHIYO. ZUTTO geladeira NI HAITTERUNO
- (12) - (Nc) KORE ITSUNO?
- (13) - (I) KORE KYONENNO. KORE MINNA geladeira DE caixaNI YOTTARA NE, caixaNI YOTTARA IINO GA ARU. DAKARA caixaNI YORU, HORA último KOREGA SUKUNAKATTA NE. IKKAI KITA TOKI KON NANOBAKARI estragado.
- (14) - (Nc) SON NANO URENAIYO

(15) - (I) Quanto você quer? NI SHI GO ROKU ... Não, esse não (apontando para uma maçã bonita). Esse tem que vender mais caro. KONO caixaNOMO OISHIYO

(16) - (Nc) Uhn???

(17) - (I) KONO caixaYO...esta caixa

(18) - (Nc) Ahn

(1) - (...) agora 7.000, esse bom, não tá? Bom, né.

(2) - O que é isto?

(3) - E peixinho, peixe pequenininho.

(4) - Ahn, peixinho?

(5) - E

(6) - Uhn...uhn...e o que que faz com isto? Come? E aí?

(7) - Rica de vitamina

(8) - Tchau

(9) - Tchau tchau, obrigada

(...)

(10) - CHEGARAM HOJE? (apontando as maçãs)

(11) - O QUE SERA QUE VEIO HOJE. AINDA NÃO TROUXERAM NADA. Hoje NÃO VIERAM MAS SÃO IGUAIS, ESTAVAM NA geladeira

(12) - DE QUANDO E ISTO?

(13) - ISTO DO ANO PASSADO. TUDO NA geladeira. DEPENDENDO DA caixa NE, DEPENDENDO DA caixa HA ALGUNS BONS, POR ISSO DEPENDE DA caixa. VEJA último, VIERAM POUCOS NE. CERTA VEZ VIERAM TODOS ASSIM estragado.

(14) - ESSES VOCES NÃO CONSEGUEM VENDER

(15) - Quanto você quer? DOIS, QUATRO, CINCO, SEIS...Não, esse não (apontando para uma maçã bonita). Esse tem que vender mais caro. DESTA caixa TAMBEM GOSTOSA.

(16) - Uhn???

(17) - ESTA caixa viu...esta caixa

(18) - Ahn.

A falha na comunicação ("miscommunication") ocorre, com maior frequência, em interações entre falantes nativos e não-nativos de uma língua, ocasionada pelos diferentes hábitos, costumes e maneiras de interagir e pelo sistema lingüístico não compartilhado. Grice (1975) apontou o aspecto cooperativo de uma conversa, onde os participantes devem conciliar, tanto o que ouviram como o que entendem ser seus propósitos imediatos, a fim de que infiram a intenção do falante. Apesar das "máximas" de Grice, tais diferenças podem levar os participantes da conversa a uma "falha pragmática" ("pragmatic failure") de grandes proporções (e.g. caso diplomático recente, envolvendo a palavra "caos", referindo-se à situação econômica do Brasil). Estas "falhas" podem ou não ser reconhecidas pelos interlocutores e, se reconhecidas, podem ou não ser comentadas. Nas comunicações interétnicas, os problemas surgem devido às diferenças existentes nos sistemas de inferência conversacional ("conversational inference") e de "pistas" ("cues") que servem para sinalizar a intenção dos falantes.

Conversational inference is the "situated" or context-bound process of interpretation, by means of which participants in a conversation assess other's intentions, and on which they base their responses

(Gumperz, 1977:191)

Quando uma das partes interpreta a conversa, sem negociar os significados, ela pode causar situações embaraçosas que afetam a própria imagem do falante, uma vez que estas "falhas" tomam a forma de atribuições psico-sociais distorcidas e negativas no caráter, na atitude, na inteligência, na personalidade, na polidez, etc. (Gumperz, 1977, 1978; Thomas, 1983). Saville-Troike (1982:24) observa que

Interaction requires the perception, selection, and interpretation of salient features of the code used in actual communicative situations, integrating these with other cultural knowledge and skills, and implementing appropriate strategies for achieving communicative goals.

Levinson (1983:377) faz também uma observação a respeito:

there can be significant inter-ethnic misunderstandings due to different pragmatic analysis of utterances whose literal content is perfectly well understood; leading questions, probes, hints, etc may well not be interpreted correctly

Examinando-se o início deste episódio, notamos que entre (6) e (7) há uma falha na comunicação. Para as perguntas de (6), a (7) deveria responder, dando as devidas explicações solicitadas. No entanto, (7) responde apenas "rica de vitamina". Esta falha ocorreu porque no japonês, permite-se e há uma abundância de elipses, tais como, omissões de frases nominais, partículas marcadores de caso e mesmo, de verbos principais. Hinds (1985:9) observa que

The reason for this is that for Japanese conversational interactants, the tendency is to leave as much unsaid as possible, and to trust the partner to infer the intended meaning

Doi (1974 apud Hinds, 1985:9) faz uma observação sobre a atitude japonesa diante do silêncio.

One could say then that for the Japanese,

verbal contribution is something that accompanies non-verbal communication, and not the other way around

"Por que a língua japonesa permite elipses, se essa vaguidade resulta em um inevitável mal entendido?" Hinds (1985) responde, parcialmente, esta questão quando faz um estudo sobre a falha na interpretação ("misinterpretation") surgida entre falantes japoneses e ingleses. Segundo ele, há uma distinção tipológica entre as línguas inglesa e japonesa. O inglês pode ser descrito como "actor-focus language" e japonês, como "situation-focus language". Para falantes do inglês, é requisito básico expressar o ator em todas as ações; para japonês, a menção da própria ação já é suficiente. Portanto, a confiança que se deposita no seu interlocutor para que este infira as relações e as motivações não expressas, é que causa a falha na interpretação. Seria interessante analisar esta perspectiva de uso lingüístico, também no português. Fica a sugestão para estudos posteriores.

No episódio 2, tudo termina "bem" porque (8) (Bc) conforma-se com a carência de explicações e (9) (N) nem nota que houve uma falha na comunicação, despedindo-se da compradora, risonha como sempre.

O que se verifica em (10) e (11) é uma interferência lexi-

cal do português no japonês. Em (13), observa-se que a palavra "estragado" não está concordando em gênero e número com o tópico da conversa "maçãs". Coelho Brito (1980) atribuiu, num estudo feito com os japoneses em Belém do Pará, o fato da falta de concordância nominal de gênero e número observado nos informantes japoneses, aos tipos de desvios decorrentes tanto da interferência da língua japonesa quanto da influência do dialeto caipira. A meu ver, em japonês, por valer-se de ideogramas na escrita (V.anexo), não há necessidade de se fazer a concordância, tanto em gênero como em número porque o próprio ideograma "iconiza" o referente.. Além do mais, gramaticalmente falando, não há regras de concordância (gênero e número), i.e., as palavras sempre permanecem os mesmos; não há artigos e os verbos não têm formas especiais para indicação de pessoa e de número (cf. Bleiler, 1981). Conclui-se, então, que, neste caso, ocorreu uma interferência da morfossintaxe do japonês e não, a influência do dialeto caipira.

Em (15), o vendedor que até então só estava se comunicando com a compradora nissei em japonês, identificando-se com ela como membro pertencente ao mesmo grupo étnico, de repente, muda-se da variante japonês para a variante português quando percebe que a compradora estava "opinando" demais. Com esta estratégia, ele conseguiu redefinir a situação de "vendedor/comprador" e ser mais objetivo (goal-oriented), uma vez que a norma de conduta (polidéz ao extremo) deste grupo ét-

nico não lhe estava permitindo ser "mais comerciante". A língua portuguesa, neste caso, é instrumental.

Ainda na (15), ocorre uma "falha na interpretação" ("misinterpretation") da palavra "caixa" (português), por parte da ouvinte. Ela estava, durante todo o tempo, interpretando "caixa" como "kaisha" (japonês) que significa "empresa" e tem, exatamente, a mesma pronúncia e também se encaixa, perfeitamente, neste contexto. Entretanto, o próprio falante percebendo esta falha no procedimento interpretativo da ouvinte, tenta reforçar a compreensão, mudando o código e usando um elemento dêitico "esta". Só nesse instante, a compradora percebe o erro na interpretação referencial.

Episódio 3 : GRAVADOR

Local : quitanda

Participantes: nissei vendedora (Nv)

nissei compradora (Nc)

Tópico inicial: ovos

Tópico final : gravador

(1) - (Nc) Uma dúzia de ovos fresquinhos

(2) - (Nv) ... Tem ovo lá? Caixa de uma dúzia?

(3) - (Nc) Uma

- (4) - (Nv) SOREWA NANI, SOREWA NANI (apontando para o gravador)
- (5) - (Nc) Gravador
- (6) - (Nv) HANASHITE IRU NO gravaSURUNO? IMAGOROWA HONTONI BENRINA MONOGA DEKITANE.
- (7) - (Nc) uhn uhn (constrangida)

- (1) - Uma dúzia de ovos fresquinhos.
- (2) - ... Tem ovo lá? Caixa de uma dúzia?
- (3) - Uma
- (4) - O QUE E ISSO? O QUE E ISSO? (apontando para o gravador)
- (5) - Gravador ✓
- (6) - ESTA GRAVANDO A CONVERSA? EXISTEM TANTAS FACILIDADES HOJE EM DIA
- (7) - uhn uhn

A interação compra/venda estava fluindo naturalmente quando, ocorre uma mudança de código (4). Observe-se que é por meio desta mudança brusca e simultânea da variante lingüística e de tópico (de ovos para gravador) que o falante "interpela" e "exige" uma explicação", apelando, ao mesmo tempo, para o senso de solidariedade e de valores do grupo étnico. Fishman (1977:25) afirma que *obviously, language can also be a very powerful symbol [of ethnicity]*. Segundo Cardoso de Oliveira

(1976:5),

a identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros.

A identidade social, cultural e étnica é estabelecida e mantida através da língua, por meio de recursos discursivos diversos que permitem ao grupo étnico, reforçar a sua coesão interna, pela oposição "nós" e "eles" ("we code"/"in group" e "they code"/"out group") (Gumperz, 1977).

Episódio 4 : NOVELA DE TV

Local : quitanda

Participantes: nissei vendedora (Nv)

nissei compradora (Nc)

Tópico inicial: novela

Tópico final : a soma das compras

(1) - (Nv) Aquele é bom, mas eu vejo pedaço, pedaço né, pedacinho não dá...KORE somaSURUNO?

(2) - (Nc) Hai

- (1) - Aquele é bom, mas eu vejo pedaço, pedaço né, pedacinho não dá... ESTE É PARA somar?
- (2) - HAI.

McGuire and Lorch (1968 apud Gumperz, 1982 b) classificam a conversa de quatro modos diferentes, de acordo com os seus respectivos objetivos. Eles propõem: (i) o modo associativo ("associational mode") usado para conversas casuais onde o objetivo é a própria interação como uma forma de trocar idéias e experiências; (ii) o modo solucionador de problemas ("problem-solving mode") usado nas interações objetivas ("goal-oriented mode"); (iii) o modo interrogativo ("interrogation mode") onde as perguntas são dirigidas para se obter informações específicas e (iv) o modo esclarecedor de falhas na compreensão ("clarification-of-misunderstanding mode") onde o objetivo é determinar onde surgiu a falha na compreensão entre os participantes.

Observe-se a distinção ocorrida entre as duas seqüências (1) e (2), juntamente com a mudança de código. O início de (1) é uma conversa de modo associativo, onde a falante conta que gosta de assistir novela na TV, mas não tem tempo para vê-la, fazendo-a, só de vez em quando; na parte final, a interação torna-se objetiva e ocorre a mudança de código. Em (2) a interlocutora percebeu a mudança de modo, já que a própria mudança

de código funciona como uma pista ("contextualization cue") e responde em japonês, isto é, sugere a etapa final de uma transação de compra e venda que é "pagar a conta". Com a finalidade de diferenciar bem estes dois objetivos, a falante (Nv) pratica a mudança de código, marcando, duplamente, o seu intento.

Episódio 5: CAMPEONATO DE BASEBALL

Local : Clube Nipo-Brasileiro de Brasília

Participantes: Mulheres Nisseis (1,2 e 3)

Tópico : Tênis e "baseball"

- (1) - (N1) Sumida. Tudo bom? Como é que tá? Não tá jogando não?
- (2) - (N2) Faz tempo que não jogo e você?
- (3) - (N1) Eu tou batendo de vez em quando (...) ANTA sumiu.
- (4) - (N2) Tenho que jogar com você
- (5) - (N1) Para ganhar de novo, né. Na próxima dupla, quem sabe, né. Faz tempo né que
- (6) - (N2) (olhando o jogo de "baseball") YAKYUU OMOSHIROINE
- (7) - (N1) OMOSHIROINE. KUWASHIIKOTOWA SHIRANAIKEDO, KATTATOKI WA WAKARUMONE
- (8) - (N2) Eu me divirto com a torcida, né

- (9) - (N1) Ahn, a torcida né MINNA HARIKITTE NE, então Nipo MAKETANONE ITTEN NO SA DE NE
- (10) - (N2) futebol MITAINI. BURADIRU GA MAKETAMITAINI
- (11) - (N1) DAREKAGA MAKENAITO SHOBU GA TSUKANAİKARA (de repente, vira-se para uma outra nissei e diz) Oi, tudo bom? Tá torcendo aí pro teu marido?
- (12) - (N3) Pois é, perdeu né, por causa de um ponto mas não perdeu feio. Tá bom.
- (13) - (N1) Não tem nada não. Alguém tem que ganhar ou perder. (voltando-se para o primeiro interlocutor) DAREKAGA KATANAITO SHYOOBU GA TSUKANAİKARA. Você sabe que eu estou com uma preguiça...
-
- (1) - Sumida. Tudo bom? Como é que tá? Não tá jogando não?
- (2) - Faz tempo que não jogo e você?
- (3) - Eu tou batendo de vez em quando (...) VOCE sumiu
- (4) - Tenho que jogar com você.
- (5) - Para ganhar de novo né. Na próxima dupla, quem sabe né. Faz tempo né que
- (6) - (olhando o jogo de "baseball") "BASEBALL" E MUITO INTERESSANTE
- (7) - E INTERESSANTE MAS NAO ENTENDO OS FORMENORES. EU SEI QUANDO GANHAM
- (8) - Eu me divirto com a torcida né.
- (9) - Ahn, a torcida né. TODOS SE EMPENHAM NAO E? então o Nipo

PERDEU COM UM PONTO DE DIFERENÇA NE

- (10) - FARECE futebol. PARECE A DERROTA DO BRASIL NE (a seleção brasileira, nessa época, tinha sido derrotada por um gol, na Copa de 1986)
- (11) - ALGUEM TEM QUE PERDER SENÃO NAO HA JOGO (de repente, vir-se para outra nissei e diz) Oi, tudo bom? Tá torcendo aí pro teu marido?
- (12) - Pois é, perdeu né por causa de um ponto mas, não perdeu feio. Tá bom.
- (13) - Não tem nada não. Alguém tem que ganhar ou perder (voltando-se para o primeiro interlocutor) SE ALGUEM NAO GANHAR, NAO TEM FIM . Você sabe que eu estou com uma preguiça...

Partindo-se da hipótese de que a mudança de tópico acarretaria a mudança de código, Ervin-Tripp (1972) fez um estudo com japonesas bilíngües, casadas com americanos, residentes nos EUA e constatou que os tópicos referentes ao *modus vivendi* japonês influenciavam, sobremaneira, o uso da língua japonesa. Entretanto, após alguns experimentos com associação de palavras (considerando-se a palavra-estímulo como sendo tópico), concluiu-se que, não só o tópico, mas a combinação tópico/ouvinte é que, realmente, ocasionava a escolha da língua. Quando as informantes eram solicitadas para falar só em inglês, apresentavam certa dificuldade em expressar nesta língua, os tópicos relacionados à cultura japonesa. Portanto, uma simples mudança no tópico/ouvinte tinha um efeito marcador nos traços formais da fala (maior número de empréstimos japoneses, ruptura na sintaxe, menos fluência e mais hesitações).

*No bilingual, however fluent in two
languages, has exactly equivalent
experiences in both language communities
(Ervin-Tripp, 1972:206)*

No episódio 5, as duas nisseis encontraram-se, casualmente, em um campeonato de "baseball". Começaram a conversar sobre tênis, relembando a medalha de prata ganha em um torneio de

dupla, quando as duas atuaram juntas. Enquanto o tópico é "jogo de ténis", de (1) a (5), as duas conversam em português. A partir do momento em que uma delas olha para o jogo de "baseball", que estava sendo disputado, naquele instante, ocorre uma mudança de código e de tópico.

É oportuno lembrar que a prática de "baseball" é muito comum em todas as comunidades japonesas do Brasil. Basta ver os nomes dos integrantes da seleção brasileira de "baseball" nas Olimpíadas ou nos Jogos Panamericanos. Ela é composta, em grande parte, de "estranhos" nomes como Suzuki, Yamada, Tanaka, etc. No Japão, "baseball" é o esporte mais popular do país, sendo praticado desde a infância pelas crianças japonesas.

Nas seqüências (6) e (7), o tópico da conversa é "baseball" (fator de unidade étnica, portanto, em japonês). Na (8), ocorre uma outra mudança de código e de tópico (torcida). A partir desse instante, nota-se um *continuum* de seqüências intercaladas de elementos lingüísticos das duas línguas. (cf. DiSciullo, et al., 1986). Verifica-se, também, o uso exagerado do "ne" que é colocado no fim de cada sentença e tem a função equivalente a "n est-ce pas" do francês, a "nicht wahr" do alemão, a "isn't it" do inglês e a "não é - né -" do português. No japonês, "ne" tem a função enfático-exclamativa (cf. Bleiler, 1981:22). Veja os exemplos:

(III) (a) - Rikoona kodomo desu ne.

(é uma criança inteligente, não é mesmo?)

(b) - Kare wa americajin desu ne.

(ele é americano, não é?)

Berk-Seligson (1986) classifica o uso de "tags", interjeições, expressões idiomáticas e cumprimentos ("greetings") como mudança de código inter-sentenças.

Observe-se que na (13) ocorre uma mudança de código situacional (Gumperz, 1976a), quando há uma redefinição da situação, com a entrada em cena de mais uma nissei. Gumperz (1976a:68) observa que

Bilinguals, in fact, ordinarily do not use code switching styles in their contact with other bilinguals before they know something about the listener's background and attitudes. To do otherwise would be to risk serious misunderstanding

Na última seqüência, verifica-se a volta à situação anterior. Todas as mudanças de código que denotam algo mais do que simples significado referencial, expressas numa relação mais informal, são chamados por Gumperz (1976a) de mudança de código metafórica (2.1.4.2.)

Os estudos de mudança de código têm sido limitados, quase inteiramente, ao canal oral de comunicação. Algumas línguas como o japonês, utilizam caracteres especiais ("katakana") para visualizar "interferências" e "empréstimos" de palavras que não pertencem ao léxico do japonês. Os outros caracteres ("kanji" e "hiragana") são usados somente para o japonês. Saville-Troike (1982:68) comenta que seria interessante incorporar esta nova dimensão (escrita e atos não-verbais) ao estudo da mudança de código.

Em suma, a mudança de código é um fenômeno regular e sistemático entre os nipo-brasileiros da segunda geração. É um recurso estratégico-discursivo usado pelos falantes bilíngües para produzir certos efeitos interpretativos como meio de simbolizar a postura do falante, diante da situação.

3.4.2. Dados do questionário

Como foi dito na 3.1.3 o objetivo inicial do questionário foi levantar o perfil sociolinguístico dos informantes que encaixassem nas propostas do presente trabalho. Não se cogitou, portanto, em momento algum, quantificar os dados para extrair as regularidades do fenômeno da mudança de código em Vargem Bonita. Mesmo porque, necessitaríamos de uma quantidade significativa de dados para atingir tal propósito.

Embora os questionários tenham sido aplicados, visando na primeira instância, avaliar o grau de bilinguismo dos informantes, achamos interessante analisar alguns itens, cujas respostas nos mostrarão uma imagem mais real do que é ser "nipo-brasileiro".

A grande maioria dos entrevistados falou japonês até os 10 anos, portanto são bilíngues em algum grau (2.1.2). Todos eles participam, de alguma forma, dos eventos japoneses realizados na sua própria comunidade (VB) ou no Plano Piloto, o que mostra que as tradições festivas e culturais são preservadas.

3.4.2.1. A importância da língua para a preservação da cultura

Achamos melhor colocar na íntegra, as respostas mais significativas dadas pelos entrevistados. A pergunta: "Você acha que a aprendizagem da língua japonesa é um fator importante para a preservação da cultura japonesa? Por quê?". Vejamos algumas opiniões a respeito:

modo de L... hábito próprio do mundo (unif) expressão na vida

A - "Sim, é através dela (a língua) que poderemos ter acesso à cultura em si. Gostaria que tivéssemos recursos para mantermos a cultura e tradições de nossas origens, e em relevo, a língua. Não que isso fosse um "quisto racial" e sim, preservação do nosso passado."

B - "Eu me considero membro da colônia japonesa, não só pelo fato de ler e escrever, mas também pelo convívio. Hoje em dia, os costumes estão mudando e os descendentes estão se desinteressando pela cultura e hoje, muitas pessoas, descendentes de japoneses, não falam bem o "nihongo" (língua japonesa), apenas entende, com isso tendem a não usar mais essa língua. Há várias si-

tuações diferentes como conversar com uma pessoa que tem a cara de japonês e só fala português ou uma outra com cara de brasileiro e fala tanto a língua dele como a nossa. Essa situação me deixa envergonhada. Não consigo entender como pode um brasileiro se esforçar tanto para aprender a nossa língua e como alguns japoneses nem se preocupam em aprender a sua própria língua.

C - "Apesar de conviver muito com brasileiros, creio que ainda sou mais japonesa que brasileira. Acho que "saber a língua japonesa" não é o mais importante para a preservação da cultura japonesa, pois isso não depende somente da língua, mas principalmente da "cabeça".

D - "Acho importante para manter a tradição e os costumes, além de tudo para manter a união entre as pessoas da colônia. É muito importante porque é pela língua que as pessoas se comunicam e "ser nissei" é ser diferente no exterior (aparência externa); biologicamente, somos todos iguais. O mais importante é "ser gente, humano", seja qual

for a condição de nacionalidade ou descendência".

E - "Preservar a cultura japonesa é muito importante porque tem muitas coisas boas na nossa cultura e a linguagem (língua) é uma coisa primordial da cultura"

F - "Acho importante não esquecer a nossa origem e a língua é um dos valores culturais mais importantes em qualquer cultura"

G - "Preservar a cultura japonesa é importante porque é preservar a nossa tradição. Falando-se um japonês correto, e preservando isso de geração em geração, a cultura é preservada".

H - "Conhecendo a língua japonesa, podemos saber, entender mais sobre a cultura japonesa que é muito rica e especial"

I - "Porque é importante preservar qualquer tradição. Se um dia, chegarmos a viajar para o Japão, seria muito importante saber a língua".

J - "Creio que seja importante que estejamos inteirados com a língua e também com os costumes dos nossos antepassados, porque só assim podemos compreendê-los melhor"

H - "As características físicas, de uma certa forma, cobram esta atitude".

I - "Apesar de estarmos vivendo numa cultura diferente, é importante preservar a língua e a cultura para continuarmos com a nossa identidade e também pela necessidade de estarmos em contato com o Japão".

J - "É difícil preservar a língua pois o contato que temos com ela é mínimo, pelo menos no meu caso; já com as tradições acontece o oposto: em qualquer lugar, lembramos de nossa origem, talvez porque somos fisionômicamente diferentes".

K - "Mesmo sendo brasileiro, você traz nas costas uma cultura milenar fantástica"

L - "Porque nós somos a transição entre a

cultura japonesa e a cultura ocidental. Como recebemos dentro de casa a educação japonesa e convivemos com os ocidentais, temos, na minha opinião, passar adiante essa cultura japonesa, essa educação que recebemos aos nossos filhos, pelo menos mais essa geração de sanseis. Depois é por conta deles".

3.4.2.2. Moralidade

Devido a um recente acontecimento envolvendo pessoas nipo-brasileiras num crime de seqüestro, foi incluída uma questão que dizia: "Se um membro da colônia japonesa praticar atos desleais contra a sociedade brasileira, qual é a sua reação? Por quê?". As respostas apresentadas mostraram um alto grau de coesão étnica, como se todos fizessem parte de uma "grande família". Segundo Fishman (1977:23)

Understanding ethnicity is a process of the same kind that Geertz (1973) outlines for understanding cultural systems in general:

it is a matter of explicating the explications

A - "Questiono quanto ao caráter dessa pessoa".

B - "Me sinto ofendida e, às vezes, envergonhada porque ele também é japonês como eu"

C - "Não me sentiria envergonhada, pois acho que tanto japoneses como brasileiros passam pelos mesmos problemas, sendo assim têm os mesmos direitos de cometer erros"

D - "Preocupação; as pessoas (os outros) podem generalizar a atitude cometida por um a todos os membros da comunidade."

E - "Fico chateado porque nos afeta indiretamente; podemos ser mal vistos pelas outras sociedades"

F - "Fico indignado. Tenho orgulho de ser japonesa como a maioria o tem e tais atos ferem os nossos sentimentos".

G - "Envergonhado, por sujar nossa tradição de "japonês garantido"".

H - "É indiferente porque cada um é livre para praticar o que lhe convém, o que deseja, desde que não prejudique ninguém".

I - "Fico triste e chateado por sentir-me membro da colônia; todos somos parte de uma família. Se um membro dá um mau exemplo para todos (fico triste)".

J - "Fico triste, chateado e com raiva, por me considerar um membro da colônia japonesa; não gosto, já que é uma colônia que se destaca bastante, é chato ver que os seus membros começam a praticar não apenas coisas boas".

K - "Creio que todos, tanto a colônia japonesa como a sociedade brasileira não devem praticar atos desleais, pois vivemos nos dois mundos".

M - "Como a maioria dos japoneses tem orgu-

lho de ser de origem japonesa, também eu tenho e tenho a outra metade que "brasileira", portanto é como se um irmão seu estivesse praticando uma ação desleal contra um amigo seu".

N - "Normalmente sinto que os imigrantes japoneses estão totalmene integrados à sociedade brasileira, a não ser quando acontecem tais atos; penso que seria melhor que tais individuos não tivessem saído do Japão".

O - "Fico chateado. Estragaria nossa imagem".

P - "Indiferente; apesar de crer que um japonês ou descendente deve sempre dar o melhor dos exemplos, as circunstâncias e o momento pode fazer com que um individuo seja ele, japonês ou não, venha a cometer um ato desleal".

Q - "Com raiva pois representa a raça".

R - "Triste; tenho um pouco de japonesa".

S - "Desonra a nossa raça, como se fosse uma pessoa da nossa família".

T - "Eu me sinto chateada, como se fosse uma pessoa da família".

3.4.2.3. Amizade: "Ao se relacionar com nipo-brasileiros você sente alguma afinidade especial? Sob que aspectos?"

Através deste item, pudemos observar que a amizade é um fator importante de identidade étnica por compartilhar sentimentos e conhecimentos em comum (3.1.3.1). Para os membros deste grupo étnico, o fato de ser de origem japonesa e ser descendente de imigrantes é o suficiente para proporcionar uma vasta base de conhecimentos em comum, despertando neles o senso de solidariedade. São estes conhecimentos comuns compartilhados que aliviam as potenciais falhas na comunicação.

A - "Acho que pelo fato de eles serem japoneses, já existe uma certa afinidade, assim como se a pessoa fosse da turma há muito tempo".

B - "Temos os mesmos sentimentos, as mesmas opiniões e nos identificamos bastante".

C - "Temos mais entrosamento".

D - "Temos a mesma cultura e tradição".

E - "Por existir uma identidade muito grande em valores e costumes".

F - "Sendo eu uma nissei, me identifico bastante com uma outra no que se refere a idéias, pensamentos, modo de agir, etc".

G - "Nos identificamos melhor".

H - "Porque a comunicação é mais fácil".

I - "Combina mais as idéias".

J - "No convívio mais profundo, acho que é mais fácil manter amizades com nissei porque respeitamos as mesmas coisas e os valores são relativamente iguais".

K - "Sinto mais seguro, há mais compreensão entre os japoneses".

3.4.2.4. Mudança de código: "Sendo bilíngüe, você acha que há ocasiões em que lhe convém falar só em japonês, só em português ou misturando japonês com português?"

A distinção entre "a justaposição significativa de códigos" (Gumperz, 1976a) e "mistura de línguas" (Di Sciullo et al) não está muito bem definida na mente destes entrevistados. A grande maioria afirma que pratica a mudança de código conforme o seu interlocutor e o momento da interação, quando os conhecimentos comuns se transformam em conhecimentos compartilhados (3.1.4.1), (Kräckel, 1982).

A - "Há ocasiões que convém falar só japonês. Principalmente quando vou conversar com uma pessoa mais velha, sendo o português difícil para diálogo. Como não tenho muito conhecimento da língua japonesa, misturo a brasileira"

B - "Varia de acordo com as pessoas com quem falamos, como por exemplo, as pessoas isseis e idosas que normalmente têm dificuldade em falar português (língua japone-

sa), ou quando falamos com os brasileiros (língua portuguesa) e quando falamos com nisseis e parentes (ambas as línguas)".

C - "Depende da ocasião e da pessoa com quem estiver dialogando".

D - "Não me considero bilingue porque não falo fluentemente japonês".

(Este informante só falava japonês até os 10 anos, frequentou um curso de idioma japonês durante 5 anos, mistura as duas línguas para falar com primos e amigos nisseis/sanseis e não se considera bilingüe.)

E - "Depende muito da pessoa com quem está conversando".

F - " Dependendo do lugar e pessoa com quem esteja conversando, é mais fácil falar usando uma língua ou as duas juntas. Também, há certas expressões e palavras em japonês ou português que me ajudam a me expressar melhor".

G - "Dependendo das circunstâncias como estar em companhia de idosos, isseis, ou com nisseis, ou com meus irmãos; a cada ocasião, eu tento falar do jeito mais apropriado".

H - "Misturando as duas línguas porque muitas vezes não sabemos algumas palavras em japonês, então recorre-se ao português".

I - "Todas as três conjugadas, pois dependendo da situação, somos obrigados a falar de uma forma".

J - "A conversação em japonês se faz necessário quando num diálogo com japonês que não fala a nossa língua. Principalmente com pessoas mais velhas. Em qualquer lugar, desde que com pessoas que falem bem o português mesmo com japoneses ou descendentes. Não costumo usar as duas línguas numa conversa com uma única pessoa".

K - "Misturar línguas depende muito das pessoas".

CAPITULO 4

CONCLUSÃO

A cultura que se desenvolve em comunidades de imigrantes é uma cultura híbrida onde coexistem as tradições do país de origem junto com as práticas assimiladas do país hospedeiro, ocasionando as "adaptações" ao novo ambiente. Os costumes e os hábitos transplantados da pátria-mãe, entre eles, a língua, raramente, permanecem intactos. (Nogueira, 1988)

Foram observados ao longo da análise que, numa interação, os falantes bilíngües manipulam a sua fala para expressar uma gama de sentimentos que vai, desde a solidariedade (convergência) até à indiferença (divergência) (2.1.2.).

As análises de dados nos mostraram que a escolha da língua é de suma importância para estes falantes porque é por meio dela que se define uma situação, como se uma das várias facetas da personalidade do falante se realizasse em uma das línguas.

De acordo com a nossa análise, a mudança de código é um recurso estratégico-comunicativo usado pelos falantes bilíngües como um meio de simbolizar a sua postura diante de uma determinada situação. *TAL ANÁLISE* Isto nos possibilitou relacionar o nível macro das relações entre línguas com o nível micro das interações, interpretando a distribuição das línguas que refletem os diferentes momentos do processo de adaptação deste grupo étnico.

A necessidade objetiva ou a escolha subjetiva de utilizar uma ou outra língua, *segundo WARD, nestes casos...* implica, sempre, os dois aspectos da comunicação: as relações sociais e reprodução da identidade. *A 2ª NO VALOR FUNCIONAL DA LÍNGUA* Não nos detivemos para analisar as interferências e os empréstimos que podem assinalar, também, características importantes.

os requisitos pela atividade turística

A utilização da língua depende, em grande parte, dos participantes (monolíngües português e japonês e bilíngües português/japonês), do tópico e do grau de formalidade das interações.

A língua japonesa conserva não somente a função de identificação e reprodução de identidade étnica, mas um papel significativo na organização das atividades sócio-culturais da comunidade.

Em suma, observou-se que os nipo-brasileiros bilíngües possuem uma noção precisa do valor funcional das duas línguas,

com relação à distribuição.

A considerável parcela de sanseis interessada em aprender a língua japonesa é motivada pelo prestígio que o Japão desfruta, no momento, no cenário mundial. Um país que consegue conciliar dois mundos opostos, tradição milenar e tecnologia de ponta, fascina a todos e, principalmente, os seus descendentes aqui no Brasil. Totalmente integrados à sociedade brasileira, esta geração ainda mantém hábitos e tradições trazidas pelos seus antepassados, quando ostentam, com orgulho, o lado oriental da sua personalidade.

Se os nisseis serviram de ponte para unir as gerações issei e sansei, os sanseis vivem a aventura da busca da identidade possível. E, em todo este processo, a língua ocupa um lugar muito especial

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

AUER, J.P.C & di LUZIO, A. (1983). "Structure and Meaning of Linguistic Variation in Italian Migrant Children in Germany" in R.Bauerle, C.Schwarze, A.von Stechow (ed)., Meaning, Use and Interpretation Language, Berlin, Walter de Gruyter.

BAETENS BEARDSMORE, Hugo (1982). Bilingualism: Basic Principles. Clevedon, Tieto Ltd.

BELL, R.T. (1976). Sociolinguistics. London, B.T.Batsford.

BERK-SELIGSON, S. (1986) "Linguistic constraints on intrasentential code-switching: A study of Spanish/Hebrew bilingualism". Language in Society, 15:313-48.

BLEILER, F.E. (1981) Basic Japanese Grammar, Tokyo:Charles E.Tuttle Company.

BORTONI-DIAS, Stella Maris (1977). Reações de Falantes de Português à Concordância Verbal Não-Padrão. Tese de Mestrado, Universidade de Brasília, inédita.

_____ (1985). The Urbanization of rural dialect speakers - A sociolinguistic study in Brazil Cambridge: Cambridge University Press.

BOURHIS, Y.K. (1977) "Language in Ethnic Interaction:a social psychological approach" in H. Giles (ed) pp.117-143.

BROWN, R.W. & GILMAN, A. (1960) "The Pronouns of Power and Solidarity" in Gigliori (ed). pp252-283.

BLOM, J.P. & GUMPERZ, J. (1972) "Social Meanings in linguistics structures" in Directions in Sociolinguistics, J.Gumperz, D.Hymes (eds), New York: Holt, Rinehart and Winston.

BROWN, R.& LEVINSON, S. (1978) "Universals in language usage: politeness phenomena. In Questions and Politeness, Cambridge, Cambridge University Press.

A CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1976) Identidade, etnia e estrutura social, São Paulo: Livraria Pioneira Editora

CHOMSKY, N. (1978). Aspectos da Teoria da Sintaxe, editado por Armênio Amado - Coimbra: Sucessor, 1a.ed.:1965.

CLYNE, M. (1967) Transference and Triggering - Observations on the language assimilation of postwar german-speaking

migrants in Australia, The Hague, Martinus Nijhoff

_____ (1987) "Constraints on code switching: how universal are they?" *Linguistics* 24:739-764.

COELHO BRITO, C.M. (1980) *Interferência da Língua Japonesa na Morfossintaxe da Língua Portuguesa*". Tese de mestrado, PUC/RS, inédita.

DI SCIULLO, A.M., MUYSKEN, P. & SINGH, R. (1986). "Government and code-mixing" *J.Linguistics* 22:1-24.

DOI, Elza T (1983). *A Interferência Fonológica no Português Falado pelos Japoneses na Região de Campinas (SP)*. Tese de Mestrado, UNICAMP, inédita.

ECKERT, P. (1980). "Diglossia: separate and unequal". *Linguistics* 18-11/12, p.1053.

ERVIN-TRIPP, S. (1964) "An analysis of the interaction of language, topic and listener" in *Readings in the Sociology of Language*, Fishman (ed) pp192-212, The Hague, Mouton.

ERICKSON, F. (1980). "Timing and context in children's everyday discourse: implications for the study of referential and social meaning" *Working Papers in Sociolinguistics* Number 67:1-41, Southwest Educational Development Laboratory, Austin, Texas.

FERGUSON, C.A. (1970) "Diglossia" in Gigliori (ed.) - 1a. edição.

_____ (1971). *Language Structure and Language Use*. Standford, Stanford University Press.

_____ (1977). "Linguistics as Antropology" in SAVILLE-TROIKE (ed). *Linguistic and Antropology*, Washington D.C., GURT pp.1-13.

FILLMORE, C.J. (1968) "Em favor do caso" in L.Lobato (org.). *A Semântica na Linguística Moderna - O Léxico*, RJ, Livraria Francisco Alves Editora S.A.

FISCHER, J.L. (1958) "Social influences on the choice of a linguistic variant" *Word*, 14:47-56.

FISHMAN, Joshua; COOPER, R.L.; MA, R. et al (1975). *Bilingualism in the Barrio Bloomington*, Indiana University.

FISHMAN, J. et al. (1985). *The Rise and Fall of the Ethnic Revival*. NY, Mouton Publishers

FISHMAN, J. (1966) *Language Loyalty in the United States* The Hague, Mouton

----- (1969) "The Sociology of Language" in Gigliori, pp.45-59

----- (1971). *Advances in the Sociology of the Language*, Mouton, The Hague, Paris.

----- (1972) *The Sociology of Language: An Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society*. Rowley, Newbury House Publishers.

----- (1972) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague, Mouton.

FRAKE, C.O. (1964) "How to ask a drink in Subanum" in Gigliori (ed.) pp.87-95.

GAL, Susan (1979). *Language Shift*. NY, Academic Press.

GIGLIORI, Pier Paolo (1972). *Language and Social Context*, Penguin Books

GILES, Howard (ed.) (1977). *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*, London, Academic Press.

GILES, H., BOURHIS, R.Y. & TAYLOR, D.M. (1977). "Towards a theory of language in ethnic group relations" in Howard Giles (ed.) *Language, ethnicity and intergroup relations*. London, Academic Press, pp 307-48

GILES, H. and ST CLAIR, R. (1979). *Language and Social Psychology*, Oxford, Basil Blackwell.

GILES, H. AND SAINT-JACQUES, B. (1979) *Language and Ethnic Relations*. Pergamon Press

GRICE, H. (1975). *Logic and Conversation*. In Cole and Morgan (eds), 41-53.

GUMPERZ, John J. & HYMES, D. (eds) (1972). *Directions in Sociolinguistics*. Holt, Rinehart and Winston, New York.

GUMPERZ, John J. (1964a) "Hindi Punjabi code switching in Delhi", *Proceeding of the Ninth International Congress of Linguists*, 1115-24.

----- (1964b) "Linguistic and social interaction in two communities" in Gumperz & Hymes (ed) pp.137-53.

----- (1967) "On the linguistica markers of Bilingual Communication" *JSI* 23, 48-57.

----- (1968) "The Speech Community". in *Sociolinguistics*, pp.219-30. J.B.Pride & S.Holmes (ed), Harmondsworth: Penguin

_____ (1969) "How can we describe and measure the behaviour of bilingual groups" in *Description and Measurement of Bilingualism*, Toronto, pp.242-249.

_____ (1970) "Sociolinguistics and Communication in Small Groups" in Fishman, pp.203-225.

_____ (1976a) "Social network and language shift". Working Paper 46, Language Behavior Laboratory, Berkeley.

_____ (1976b). "The Sociolinguistic Significance of Conversational Code-Switching" in *Papers on Language and Context*, Working Paper No 46, Language Behaviour Research Laboratory.

_____ (1978) "Sociocultural knowledge in conversation inference". 28th Annual Round Table Monograph Series on Languages and Linguistics. Georgetown University

_____ (1980) "Language, social knowledge and interpersonal relations". *York Papers in Linguistics* 9, pp.137-150.

_____ (1982a) *Discourse Strategies*. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (1982b). *Language and Social Identity*. Cambridge, Cambridge University Press.

HAMEL Y MUNOZ CRUZ (1981). "Bilinguismo, educación indígena y conciencia lingüística en comunidades otomíes de Valle del Mesquital, Mexico" in *Estudios Filológicos*, No.16.

HAMEL, R.E. y SIERRA, M.T. (1983) "Diglossia y conflicto intercultural - la lucha por un concepto o la danza de los significantes" *Boletín de Antropología Americana* 8, Instituto Panamericano de Geografía e Historia, pp.90-110.

HAMEL, R.E. y DE BAST, R. (1986). "A pouco estabai ahi huevando": assimilation et résistance linguistique chez les chiliens exilés au Mexique". Communication présentée au XVIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Université de Trier (Treves), de 19-24 de maio de 1986

HAMEL, R.E. (1982) "Constitución y análisis de la interacción verbal" *Estudios de Lingüística Aplicada*, 2:31-81.

HANDA, T. (1952) "O Destino da Língua Japonesa no Brail" in Saito (ed), pp.487-501.

_____ (1970). *Imim no seikatsu no rekishi: buradiru nikkeijin no ayunda michi* (A história da vida dos imigrantes: os passos percorridos pelos nipo-brasileiros), SP, Centro de

Estudos Nipo-Brasileiros.

HAUGEN, E. (1969). The Norwegian Language in America: a study in bilingual behaviour". Bloomington, Indiana University Press.

_____ (1972). The Ecology of Language , Stanford, Stanford University Press.

_____ (1973) "Bilingualism, language contact, and immigrant languages in the United states: a research report 1956-1970". Current Trends in Linguistics, Thomas A. Sebeok (ed.), volume 10, LINGUISTICS IN NORTH AMERICA, Mouton

HINDS, John (1976). Aspects of Japanese Discourse Structure, Kaitakusha, Japan.

_____ (1985) "Misinterpretation and common knowledge in Japanese". Journal of Pragmatics, 9:5-19.

HOUSTON, S.H. (1972) "Bilingualism: Naturally Acquired Bilingualism, in A Survey of Psycholinguistics, The Hague, Mouton

HYMES, D. (1962) "The ethnography of speaking". In J.Fishman (ed.). Readings in the Sociology of Language. The Hague: Mouton, 1968, 99-138.

_____ (1964) Language in Culture and Society. New York: Harper & Row.

_____ (1964) "Toward Ethnographies of Communication: The Analysis of Communicative Events" in Gigliori (ed), pp.21-45.

_____ (1967)(1971) "On Competence Communicative" in J.Pride & J.Holmes (eds) Sociolinguistics, pp.269-294, Harmondsworth, Penguin Books.

_____ (1971). Pidginization and Creolization of Languages. Proceedings of a Conference held at the University of the West Indies Mona, Jamaica, 1968. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (1977). Foundations in Sociolinguistics - An Ethnographic Approach, London, Tavistock Publications.

KATO, M. e BARBARA, L. (1983). "Linguas Asiáticas" in ABRALIN, Boletim no. 5, pp.95-125

KRECKEL, M. (1982) "Communicative acts and shared knowledge: a conceptual framework and its empirical application" in SEMIOTICA, 40-1/2:45-88.

LABOV, William (1972). Sociolinguistic Patterns,

Pennsylvania, University of Pennsylvania Press.

LEVINSON, S. (1983). *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.

LONGHI NINOMIYA, S.R. (1982) "Language Maintenance and Ethnic Identity among Japanese Brazilians" *in* Tsukuba Working Papers in Linguistics 1:48-58. Linguistic Circle, University of Tsukuba.

LOVEDAY, L.J. (1986) "Japanese Sociolinguistic". *Journal of Pragmatics* 10:287-326.

LYONS, J. (1981). *Linguagem e Lingüística*, RJ, Zahar Editores.

MACKEY, W.F. (1972) "The description of bilingualism" *in* J.Fishman (ed), pp.554-585.

MacNAB, G.L. (1979). "Cognition and bilingualism: a reanalysis of studies". *Linguistics* 17:231-235.

MASE, Y. (1986) "Buradiru Dayori - Buradiru nikkeijin no nihongo" (o japonês dos nipo-brasileiros) *Guengo Seikatsu*.

McCawley, J.D. (1978) "What is a Tone Language?" *in* TONE - A Linguistic Survey, Victoria A. Fromkin (ed.), NY, Academic Press, pp.113-131.

MIYAO, S. (1980) "Posicionamento social da população de origem japonesa". *A Presença Japonesa no Brasil*, H. Saito (org.), SP, T.A. Queiroz (ed), EDUSP

MUNBY, J. (1977). "Applying sociocultural variables in the specification of communicative competence" *in* Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Muriel Saviile-Troike (ed.), Washington D.C., Georgetown University Press, pp.231-249.

OHNO, M. (1969). *Laten teki nihonjin : Buradiru nissei no hatsuguen* (O japonês latino: a fala de um nissei brasileiro). Tokyo, NHK Books.

POPLACK, S. (1980) "Sometimes I ll start a sentence in Spanish Y TERMINO EM ESPANOL: toward a typology of code-switching". *Linguistics* 18:581-618

POPLACK, S., SANKOFF, D. AND MILLER, C. (1988). "The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation". *Linguistics* 26:47-104

ROCHA NOGUEIRA, A. (1984). *Imigração Japonesa na história contemporânea do Brasil*, Massao Ohno (ed), SP, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. (1974). "A simplest

systematics for the organization of turn-taking for conversation". *Language* 50:696-735.

SAITO, H. (1961). *O Japonês no Brasil - Estudo de Mobilidade e Fixação*. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Editora "Sociologia e Política"

SAITO, H. E MAEYAMA, T. (1973). *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*, São Paulo, Editora Vozes, EDUSP.

SAPIR, E. (1969) "Língua e Ambiente" in seu *Linguística como Ciência*, tradução de Mattoso Câmara Jr, J., RJ, Livraria Acadêmica, edição em 1911.

_____ (1969). *Linguística como Ciência*, tradução de Mattoso Câmara Jr., RJ, Livraria Acadêmica, edição em 1911 e 1929.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de Linguística Geral*. tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein, SP: Editora Cultrix

SCHEGLOFF, E. (1972). "Sequencing in conversational openings". in *Directions in Sociolinguistics*, J.J.Gumperz & D.Hymes (eds), New York: Holt, Rinehart and Winston.

SCHERER, K.R. & GILES, H. (1979). *Social Markers in Speech*, Cambridge, Cambridge University Press.

SCHIFFRIN, D. (1987) "Discovering the context of an utterance". *Linguistics* 25:11-32

SCHURIG VIEIRA, F.I. (1973) *O Japonês na Frente de Expansão Paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*, SP, Livraria Pioneira Editora, EDUSP.

SHIBUTANI, T. & KWAN, K.M. (1965). *Ethnic Stratification, a Comparative Approach*, London, The Macmillan Company.

SIEGEL, J. (1985) "Koinés and Koineization". *Language in Society* 14, 3:357-378.

SILVA NETO, S. (1976). *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* RJ, Presença.

TOSI, A. (1984). *Immigration and Bilingual Education*, Oxford, Pergamon Press.

TRUDGILL, P. (1974). *Sociolinguistics - An Introduction*, Pelican Books.

STAUB, A. (1983). *O Empréstimo Linguísticos: um estudo de caso*. PUC/RS, Livraria Editora Acadêmica Ltda.

VALENTE, W. (1978). *O Japonês no Nordeste Agrário: aspectos sócio-culturais e antropológicos*. Recife. MEC - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

WEBSTER S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY, Vol.II (1966).

London, G. & C. Merriam Co.

WEINREICH, U. (1953). *Language in Contact*, Haia, Mouton

WILLEMS, E. (1948). "Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo". *Antropologia* no.3, São Paulo, SP.

Nº 5

Questionário nº 1

Comportamento verbal dos bilíngües nipo-brasileiros residentes em Brasília.

Nome:

Sexo:

Idade:

1) Você é

- nissei
- sansei
- yonsei
- mestiço (a)

2) Local de nascimento

cidade: estado:

3) Local de nascimento dos pais

cidade: estado:

4) Local de nascimento dos avós:

- avô materno:
- avô paterno:
- avô materno:
- avô paterno:

5) Religião

6) Religião dos pais

7) Onde passou a primeira infância?

- interior nome do local:
- capital nome do local:

8) Há quanto tempo mora em Brasília?

- 5 anos menos de 5 anos
- 10 anos mais de 10 anos

Qual foi a sua primeira língua?

- japonês
- português

10) Até que idade falou a língua dos pais?

- até 5 anos
- até 10 anos nunca falou

11) Frequentou algum curso de japonês?

- sim
- não

12) Período de aprendizagem da língua japonesa:

de 1 a 5 anos

de 5 a 10 anos

nenhum

13) Seus pais falam português?

sim

não

14) O português falado pelos seus pais é

(mãe) - muito bom

(pai) - muito bom

bom

bom

regular

regular

mau

mau

15) Continua falando japonês em casa?

sim

não

às vezes

16) Com quem você fala japonês em casa?

pai

mãe

irmãos

outros

17) Em que outros locais você fala japonês?

clubes

escola

trabalho

reuniões sociais

18) Com quem?

amigos

professores

parentes

outros

Por exemplo, _____

19) Que língua você usa com maior frequência nas suas conversas?

japonês

português

ambas

20) Quando é que você só fala japonês?

- em casa
no trabalho
no clube
em reuniões sociais

21) Quando é que você só fala português?

- em casa
no trabalho
no clube
em reuniões sociais

22) Quando é que você mistura as duas línguas?

- em casa
no trabalho
no clube
em reuniões sociais

23) Você se expressa melhor falando em:

- português
japonês
índiferente

24) Você se considera um membro da colônia japonesa?

- sim não indiferente

25) Você participa dos eventos realizados pela colônia japonesa?

- sim não às vezes

26) Quais eventos?

- "bom-odori"
"undokai"
"rikujo kyogi"
"karaoke concuru"
Outros

Quais? _____

27) Se um membro da colônia japonesa praticar atos desleais contra a sociedade brasileira, qual é a sua reação?

- fica triste
chateado
com raiva
índiferente

28) Por quê?

29) Você lê publicações em japonês, de tempos em tempos?
sim não às vezes

Quais?

30) Você assistiu ao programa sobre o Japão transmitido recentemente na TV?

sim não

O que você sentiu?

31)

Você vai sempre à casa de parentes ou amigos para visitá-los?

Muito

Pouco

Nunca

32) Quais as pessoas que vêm sempre a sua casa e que você vai sempre a casa delas:

código: 1. parente

2. vizinho

3. amigo nissei

4. amigo não nissei

N o m e

código

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

33) Você acha mais fácil manter amizades com pessoas nisseis do que com pessoas não-nisseis? Por quê?

sim

não

34) No trabalho, na escola, no clube, etc você se dá melhor com pessoas nisseis? Por quê?

35) Você já se sentiu discriminado (a) por ser de origem japonesa?

sim

não

nunca

37) Ser nissei traz algum prestígio?

sim

não

indiferente

38) Que tipos de prestígio?

39) Você acha importante preservar

a língua japonesa

e as tradições culturais

nenhuma das coisas

só a língua

só as tradições culturais

40) Por quê?

P.S. Por favor, assinale as perguntas que não ficaram muito claras.

Aceitamos sugestões. Obrigada.

a pesquisadora

UnB - IC - LIV

PESQUISA SOBRE BILINGUISMO E MUDANÇA DE CÓDIGO

Nome: _____

Sexo: Masc. ___ Fem. ___

Faixa etária:

10 a 20 anos ___ 21 a 30 anos ___ 31 a 40 anos ___
41 a 50 anos ___ mais de 50 anos ___

1. Você é:

issei ___ nissei ___ sansei ___
yonsei ___ mestiço(a) ___

2. Local de nascimento

cidade: _____ Estado: _____

3. Local de nascimento de seus pais (indique a província no Japão ou o Estado no Brasil):

da mãe: _____ do pai: _____

4. Religião:

sua: _____ de seus pais: _____

5. Onde você passou a primeira infância?

no interior ___ na capital ___

nome do local: _____

6. Há quanto tempo você mora em Vargem Bonita?

_____ anos

7. Qual foi a sua primeira língua falada?

japonês ___ português ___

8. Se foi "japonês", até que idade você só falou a língua japonesa?

até 5 anos ___ até 10 anos ___ mais de 10 anos ___

9. Você frequentou algum curso de japonês? Onde? Por quanto tempo?

10. Seus pais falam português?

sim ___ não ___

11. O português falado pelos seus pais é:

mãe: muito bom ___	pai: muito bom ___
bom ___	bom ___
regular ___	regular ___
mau ___	mau ___

12. Em casa, você fala japonês com:

seus pais ___ seus irmãos ___
outros ___ quem?: _____

13. Entre irmãos, vocês conversam em:

japonês ___ português ___
misturando as duas línguas ___

14. E com os primos e amigos nisseis/sanseis?

japonês ___ português ___

misturando as duas línguas ____

15. Em que ocasiões você mistura as duas línguas?

16. Você se considera um membro da colônia japonesa? Por que?

17. Você participa dos eventos realizados pela colônia japonesa local? Quais eventos? (por ex. "undokai", "nodojiman", "kendô", fest junina etc)

18. Se um membro da colônia japonesa praticar atos desleais contra a sociedade brasileira, qual é a sua reação? Por que?

19. Você lê publicações em japonês, de tempos em tempos? Quais?

20. Sendo um(a) nipo-brasileiro(a), você acha importante preservar a cultura japonesa? Por que?

27. Ser nipo-brasileiro(a) traz algum prestígio? Que tipo de prestígio?

28. Sendo bilingue, você acha que há ocasiões em que lhe convém falar só em japonês, só em português ou misturando japonês com português? Por que?

29. Comentários gerais finais

HIRAGANA AND KATAKANA

(Katakana in ())

あ〔ア〕(a) い〔イ〕(i) う〔ウ〕(u) え〔エ〕(e) お〔オ〕(o)
 か〔カ〕(ka) き〔キ〕(ki) く〔ク〕(ku) け〔ケ〕(ke) こ〔コ〕(ko)
 さ〔サ〕(sa) し〔シ〕(shi) す〔ス〕(su) せ〔セ〕(se) そ〔ソ〕(so)
 た〔タ〕(ta) ち〔チ〕(chi) つ〔ツ〕(tsu) て〔テ〕(te) と〔ト〕(to)
 な〔ナ〕(na) に〔ニ〕(ni) ぬ〔ヌ〕(nu) ね〔ネ〕(ne) の〔ノ〕(no)
 は〔ハ〕(ha) ひ〔ヒ〕(hi) ふ〔フ〕(fu) へ〔ヘ〕(he) ほ〔ホ〕(ho)
 ま〔マ〕(ma) み〔ミ〕(mi) む〔ム〕(mu) め〔メ〕(me) も〔モ〕(mo)
 や〔ヤ〕(ya) ゆ〔ユ〕(yu) よ〔ヨ〕(yo)
 ら〔ラ〕(ra) り〔リ〕(ri) る〔ル〕(ru) れ〔レ〕(re) ろ〔ロ〕(ro)
 わ〔ワ〕(wa) を〔ヲ〕(o)

が〔ガ〕(ga) ぎ〔ギ〕(gi) ぐ〔グ〕(gu) げ〔ゲ〕(ge) ご〔ゴ〕(go)
 ざ〔ザ〕(za) じ〔ジ〕(ji) ず〔ズ〕(zu) ぜ〔ゼ〕(ze) ぞ〔ゾ〕(zo)
 だ〔ダ〕(da) ぢ〔ヂ〕(ji) づ〔ヅ〕(zu) で〔デ〕(de) ど〔ド〕(do)
 ば〔バ〕(ba) び〔ビ〕(bi) ぶ〔ブ〕(bu) べ〔ベ〕(be) ぼ〔ボ〕(bo)
 ぱ〔パ〕(pa) ぴ〔ピ〕(pi) ぷ〔プ〕(pu) ぺ〔ペ〕(pe) ぽ〔ポ〕(po)

きゃ〔キヤ〕(kya) きゅ〔キュ〕(kyu) きょ〔キョ〕(kyo)
 しゃ〔シャ〕(sha) しゅ〔シュ〕(shu) しょ〔シヨ〕(sho)
 ちゃ〔チャ〕(cha) ちゅ〔チュ〕(chu) ちょ〔チヨ〕(cho)
 にゃ〔ニヤ〕(nya) にゅ〔ニュ〕(nyu) にょ〔ニヨ〕(nyo)
 ひゃ〔ヒヤ〕(hya) ひゅ〔ヒュ〕(hyu) ひょ〔ヒヨ〕(hyo)
 みゃ〔ミヤ〕(mya) みゅ〔ミュ〕(myu) みょ〔ミヨ〕(myo)
 りゃ〔リヤ〕(rya) りゅ〔リュ〕(ryu) りょ〔リヨ〕(ryo)
 ぎゃ〔ギヤ〕(gya) ぎゅ〔ギュ〕(gyu) ぎょ〔ギョ〕(gyo)
 じゃ〔ジャ〕(ja) じゅ〔ジュ〕(ju) じょ〔ジヨ〕(jo)
 びゃ〔ビヤ〕(bya) びゅ〔ビュ〕(byu) びょ〔ビヨ〕(byo)
 ぴゃ〔ピヤ〕(pya) ぴゅ〔ピュ〕(pyu) ぴょ〔ピヨ〕(pyo)
 ん〔ン〕(n)

- (5) 転注文字 (Ideographic characters whose pronunciation has changed with the change in meaning.)

ex.

Kanji	Original meaning (pronunciation)	→	New meaning (pronunciation)
(1) 好	good, fine, beautiful (kō)	→	to like, to be agreeable (kono-mu, su-ku)
(2) 楽	music (gaku)	→	pleasant (raku, tanoshi-i)
(3) 悪	evil, wrong (aku, waru-i)	→	hate, detest (o, niku-mu)

- (6) 仮借文字 (Characters used as phonetic symbols)

Each of these characters has no meaning and indicates only one sound. (Nowadays only used in cases of writing words of foreign origin in Kanji.)

ex. (1) 英吉利 (ei-kitsu-ri)	イギリス	England
(2) 仏蘭西 (futsu-ran-sai)	フランス	France
(3) 印度 (in-do)	インド	India
(4) 桑港 (sō-kō)	サンフランシスコ	San Francisco
(5) 基督 (ki-toku)	キリスト	Christ

§ 3. The history and structure of Kanji (漢字のなりたちと構造)

▽ How were Kanji created? In an old Chinese dictionary called "Setsumon-kaiji" (「説文解字」), the formations are classified into six kinds. They are called "Rikusho" (「六書」).

- | | | | |
|-----|-----------------|---|---|
| (1) | しょうがいもじ
象形文字 | } | the most fundamental
and primitive characters |
| (2) | しじもじ
指事文字 | | |
| (3) | かいいもじ
会意文字 | } | combinations of some of
the fundamental characters |
| (4) | けいせいもじ
形声文字 | | |
| (5) | てんちゆうもじ
転注文字 | } | usages different from the
original meaning |
| (6) | かしやくもじ
仮借文字 | | |

(1) しょうがいもじ 象形文字 (Hieroglyphic characters)

Hieroglyphic characters were the first to come into existence, simplified from concrete pictographs.





Most of these are nouns.

ex.	pictograph	→ (simplified)	→ Kanji	reading	meaning
(1)		→	→ 山	やま さん	mountain
(2)		→	→ 目	め く	eye
(3)		→	→ 馬	うま ば	horse
(4)		→	→ 門	かど もん	gate
(5)		→	→ 女	おんな じょ にょ	woman
(6)		→	→ 魚	さかな ぎょ	fish

(2) 指事文字 (Sign Characters)

An abstract idea which is impossible to illustrate, is indicated with the help of points and lines.


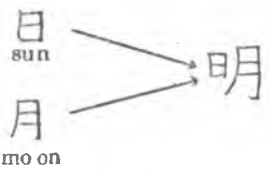
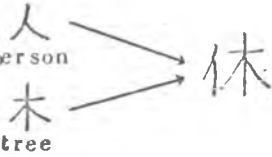
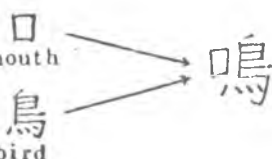
ex.

- | | | | |
|-----|--|-----------|-----------------|
| (1) |  | ひとつ
いち | (one) |
| (2) |  | うえ
じょう | (above,
on) |
| (3) |  | たつ | (stand) |
| (4) |  | ほん | (root,
base) |

(3) 会意文字 (Ideographic characters)

An ideographic character is a combination of hieroglyphic and sign characters.

ex.

- | | | | | |
|-----|---|-------------------|----------------|--|
| (1) |  | もり
しん | (forest) | Many trees unite into a forest. |
| (2) |  | あかるい
めい
みょう | (bright) | The Kanji "bright" consists of the sun and the moon. |
| (3) |  | やすむ
きゅう | (rest) | A man is resting under a tree. |
| (4) |  | なぐ
めい | (cry,
sing) | The Kanji "cry (chirp, sing)" consists of a bird and a mouth (bill). |

(4) 形声文字 (Phonetic-ideographic characters)

A phonetic-ideographic character is the combination of a meaning part and a phonetic part. About 90 percent Kanji belong to this group of characters.

ex.

